

REVISTA COSMOVNI

Publicação do Grupo Ufológico Pato Branco - PATOVNI

ISSN 2675-8466

Ano 1 | Número 1 | Dezembro 2020



REVISTA COSMOVNI

**PUBLICAÇÃO DO GRUPO
UFOLOGICO PATO BRANCO | PATOVNI
NÚMERO 1. SEMESTRAL. 2020. ISSN 2675-8466**



**Tasca Editorial
Pato Branco - 2020**

GRUPO UFOLÓGICO PATO BRANCO | PATOVNI

EQUIPE

Coordenador: Flori Antonio Tasca
Diretor cultural: Rudinei Campra
Diretora de eventos: Solange Tasca
Colaboradores: Alana Amaral
Diego Tesser
Jeferson Eduardo Matiolo

Revisão: Henrique Luiz Fendrich
Diagramação: Diego Tesser
Capa: Nebulosa Olho de Gato | HubbleSite
Imagem Interna: Nebulosa Carina | HubbleSite

R454 Revista COSMOVNI. / Flori Antonio Tasca (editor). Número 1. Semestral--
Pato Branco: Tasca Editorial, 2020.
97 f. : il.

ISSN: 2675-8466

1. Ufologia. 2. Cosmologia. I. Flori Antonio Tasca, editor. II. Título.

CDD - 501

Ficha Catalográfica elaborada por
Maria Juçara Vieira da Silveira CRB9/1359

REVISTA COSMOVNI
PUBLICAÇÃO DO
GRUPO UFOLOGICO PATO BRANCO
NÚMERO 1. SEMESTRAL. 2020. ISSN 2675-8466

COMPOSIÇÃO

EDITOR

Flori Antonio Tasca

CONSELHO

Douglas Albrecht

Fernando Manuel Araújo Moreira

Fred (Frederico) Guilherme Vega Morsch

Lallá Barretto (Maria Luiza Barretto)

Marco Antonio Petit

Marco Aurélio Leal

Monica Silvia Borine

Pedro Barbosa

Ricardo Varela Correa

Roger (Rogério) Rumor

Toni Inajar (Inajar Antonio Kurowski)

Van Ted (Vania Segura Tedesco)



Tasca Editorial
Pato Branco - 2020

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	01
O QUE É COSMOLOGIA? FLORI ANTONIO TASCA.....	04
COMO IDENTIFICAR UM OVNI? TONI INAJAR.....	29
O CONTATO DE LONGA DURAÇÃO, OU ELES JÁ ESTÃO ENTRE NÓS LALLÁ BARRETTO.....	41
AGROGLIFOS – O DESAFIO GEOMÉTRICO, MÚSICA PARA NOSSOS OUVIDOS DOUGLAS ALBRECHT.....	66
EXOPSICOLOGIA E EXOCIÊNCIAS MONICA SILVIA BORINE.....	75

EDITORIAL

A Cosmologia e a Ufologia são dois temas fascinantes que cada vez mais têm despertado a atenção das pessoas. Queremos saber o que exatamente é o Universo, como ele funciona e, principalmente, se existe vida em outros planetas além da Terra. Embora ainda haja muitos mistérios sobre como o Universo é estruturado, o conhecimento humano avançou de forma muito rápida no último século, aquele que marcou também o desenvolvimento da Ufologia mundial, com muitos eventos sugerindo a presença alienígena em nosso planeta.

Consciente da popularidade que esses temas têm alcançado recentemente, a Revista Cosmovni se propõe a oferecer uma seleta de artigos produzidos por pesquisadores de áreas associadas à Cosmologia e à Ufologia, de modo a contribuir para que as pessoas aprofundem os seus conhecimentos sobre tais temas e, com isso, também se capacitem para a nova realidade que há de emergir a partir da confirmação oficial da vida inteligente em outros planetas.

No primeiro artigo, “O que é Cosmologia?”, resgato um pouco da longa trajetória da humanidade na sua tentativa de compreender o funcionamento do Universo. Desde as mais remotas eras, o ser humano procura respostas sobre a origem de tudo o que existe. Mais recentemente, a partir de Einstein e Hubble, teve início a Cosmologia moderna, que, usando o método científico e a atual tecnologia, oferece respostas sobre as nossas origens e o nosso destino.

Na sequência, Toni Inajar apresenta “Como identificar um OVNI?”, artigo que trata sobre a ocorrência de diversos fenômenos naturais no céu que são equivocadamente interpretados por leigos como aparatos alienígenas. O objetivo é fazer com que o observador conheça melhor os eventos que são avistados no céu e que somente depois de descartar as hipóteses naturais é que classifique um OVNI como potencialmente alienígena. Características mais comuns dos OVNI considerados legítimos são então apresentadas.

Lallá Barretto, na sequência, comparece com “O contato de longa duração, ou Eles já estão entre nós”, por meio do qual reflete sobre a possibilidade de que a humanidade já mantenha contato há várias décadas com ao menos duas civilizações alienígenas, originárias dos planetas Serpo e Ummo. No primeiro caso, humanos teriam sido enviados para o planeta alienígena. No segundo, os alienígenas teriam enviado informações que mais tarde seriam confirmadas pela nossa ciência, sugerindo assim a veracidade do contato.

Depois é a vez do artigo de Douglas Albrecht, sobre o tema dos agrolifos, um dos mais intrigantes da Ufologia mundial, pois ainda não se sabe muita coisa a respeito das eventuais mensagens por trás dos círculos e demais desenhos geométricos em plantações do mundo todo. Contudo, a descoberta de sinais de radiofrequência em um agrolifo no Brasil sugere a possibilidade de vir a ouvi-los, enquanto a aplicação dos teoremas de Gerald S. Hawkins sugere uma relação entre os agrolifos e a escola diatônica musical.

Por fim, o artigo de Monica Silvia Borine, “Exopsicologia e Exociências”, cuja proposta é evidenciar o surgimento de novas áreas de estudo a partir da possibilidade de interação humana com seres de outros planetas. Entre elas, a Exopsicologia, que se ocupa do impacto psicológico de contatos com alienígenas, nomeadamente a síndrome da abdução alienígena, fenômeno capaz de causar traumas e elevados níveis de *stress* para quem o experimenta. É oferecida, então, uma nova perspectiva de análise psicológica do fenômeno das abduções.

São, como se vê, temas bastante pertinentes ao atual momento da Ufologia mundial e que também levam em consideração as mais recentes teorias na área da Cosmologia. Com isso, espera-se estar contribuindo para o debate sobre alguns dos mistérios mais fascinantes que intrigam a humanidade e que, aos poucos, começam a ser desvendados. Boa leitura!

Pato Branco, Paraná, dezembro de 2020.

Prof. Dr. FLORI ANTONIO TASCA – Editor



O QUE É COSMOLOGIA?

FLORI ANTONIO TASCA

RESUMO

Historicamente, o ser humano sempre se preocupou em tentar entender a vasta gama de fenômenos existentes no mundo natural. Isso significava não apenas entender por que as coisas eram daquele jeito, mas, também, qual havia sido o início delas e de tudo o que existe. Todas as civilizações deram algum tipo de resposta sobre qual teria sido o início do Universo, ainda que sob a forma de mitos. A partir dos gregos, começou-se a aliar astronomia e filosofia para identificar os elementos básicos do Cosmos. De modo geral, prevalecia a ideia de uma Terra imóvel, com os astros se movimentando ao seu redor. Isso mudaria com as teorias de Copérnico e com as descobertas de Galileu, que levaram à conclusão de que a Terra gira do redor do Sol. As leis de Newton permitiram entender melhor o movimento dos astros, mas foi a partir da Teoria da Relatividade Geral de Einstein que a Cosmologia moderna teve início. Hubble descobriu que a Via Láctea era só uma entre várias galáxias e que o Universo está em expansão. O *Big Bang* se tornou a teoria mais aceita para o início do Universo. Planetas de outros sistemas solares começaram a ser descobertos. O Universo se mostrou muito mais vasto do que a humanidade imaginava e hoje já se cogita até que ele não seja único. A Cosmologia apresenta um quadro cada vez mais preciso da realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmologia. Astronomia. Universo.



SOBRE O AUTOR

FLORI ANTONIO TASCA, gaúcho radicado no Paraná, é graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2018), mestre em Direito Privado (1997) e doutor em Direito das Relações Sociais (2001) pela Universidade Federal do Paraná. No campo profissional, é advogado (1993-) especialista em recursos, com forte atuação nos tribunais brasileiros, além de empresário (2000-) no ramo cultural, titular de Tasca Editorial (projetos especiais), Instituto Flamma (educação corporativa) e Instituto Filosófico Ômega (cultura geral). Exerceu a função de Juiz Leigo Voluntário (2009-2014) para o Tribunal de Justiça do Paraná.

Foi professor universitário durante duas décadas, atuando como docente, pesquisador, consultor e gestor educacional em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, dentre elas a Universidade Estadual de Ponta Grossa (1998-2004), a Universidade Estadual de Londrina (2001-2010), a Universidade Tuiuti do Paraná (2007), a Escola Superior de Advocacia da OAB PR (1995) e a Escola da Magistratura do Paraná (1998-1999).

É membro benemérito do Grande Oriente do Brasil (2018), sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (2006), membro do Instituto dos Advogados do Paraná (2010), integra a Academia de Cultura de Curitiba (2000). É membro honorário da Força Aérea Brasileira (2009).

No plano literário, é autor de 6 livros, coautor de outros 6 livros, tendo feito publicar mais de 600 artigos em revistas especializadas e em jornais de notícias, com temas de Educação, Filosofia, Direito, Exociências, Ufologia e Ficção Científica. Dentre outras obras literárias atualmente em preparação, destaca-se “O Paradigma Alien”, livro no qual – com ineditismo e por pesquisas desenvolvidas nos últimos 12 anos – serão abordadas questões de Exopolítica e de Exodireito.

Especialista em Exociências Sociais, participou de várias entidades de cunho ufológico, proferindo conferências e seminários em eventos de abrangência nacional (2015-). Fundou e coordena o PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco (2015-), entidade dedicada a estudar e a divulgar temas sobre Cosmologia e Ufologia. É editor da Revista COSMOVNI.

Contato: fa.tasca@tascaadvogados.adv.br



A Via-Láctea

pixabay 

“Cosmos é tudo que o existiu, tudo o que existe e tudo o que existirá”.

(Carl Sagan)

De maneira simplificada, pode-se entender a Cosmologia como a ciência que estuda a origem, a estrutura e a evolução do Universo. Trata-se de uma ciência multidisciplinar, para a qual contribuem áreas exatas, como a Física, a Matemática, a Astronomia e a Química, mas também humanas, como a Filosofia. Os saberes dessas áreas são conciliados com o objetivo de se formar um panorama adequado para explicar por que o Universo é da forma que o vemos e qual será o seu destino (WUENSCHÉ, 2017).

Mais especificamente, compreende-se a Cosmologia como uma ciência moderna que emergiu após a Teoria da Relatividade Geral, proposta por Einstein, ter se tornado a principal teoria de gravitação. Questões ainda não explicadas no campo da Física e da Astronomia constituem as principais motivações para a Cosmologia, como a formação de estruturas de matéria em grande escala, o tamanho e a geometria do Universo, a sua composição química, os fenômenos do Universo primordial e o seu possível término.

Evidentemente, as pesquisas cosmológicas são feitas por meio de técnicas e instrumentos a cada dia mais sofisticados, próprios da nossa época. Isso tudo, porém, não significa que a busca que justifica a Cosmologia enquanto ciência seja, igualmente, moderna. Ao contrário, as perguntas que motivam a Cosmologia são apenas variações aprimoradas de questões que sempre intrigaram a humanidade, levando a diferentes interpretações. Agora temos condições mais favoráveis para respondê-las, mas elas são muito antigas.

Desde as mais remotas eras, o ser humano procurou dar um sentido aos acontecimentos do mundo ao seu redor, ainda repleto de fenômenos que o intrigavam. Buscava-se uma explicação para a chuva, para os raios, para as estações do ano e todos os diversos eventos da natureza com os quais o ser humano lidava cotidianamente. O conhecimento da humanidade de então acerca das origens do mundo físico era retratado em mitos de criação.

Embora, evidentemente, os mitos não seguissem os métodos modernos da pesquisa científica, eles revelam a universalidade do desejo do ser humano em compreender a existência do Cosmos (GLEISER, 2001, p. 18). É por isso que, apesar de o conceito de Cosmologia ser moderno e dizer respeito ao modo atual de buscar explicações sobre o Universo, é legítimo vinculá-lo a uma longa tradição em que humanos de várias épocas e lugares deram a sua contribuição à compreensão do Cosmos.

Sabe-se que, inicialmente, a Natureza tinha para o ser humano um caráter essencialmente divino, às vezes como uma única deusa e, em outras, sob o controle de vários deuses, um responsável por cada fenômeno natural. As explicações para o Universo, igualmente, refletiam o aspecto religioso de cada cultura. Gleiser (2001) revela a existência das mais variadas concepções cosmológicas em antigas culturas. Nem todas acreditavam que o Universo teve um começo.

De fato, a ideia de que o Universo teve um começo específico é uma, mas não a única teoria engendrada. Havia os que acreditavam que essa criação se deu por obra de um ser “positivo”, como Deus, mas outros entendiam que o Universo surgiu do nada absoluto, ou seja, de um “não ser”.

E, além desses, havia quem entendesse que o surgimento do Universo se deu como consequência de uma tensão entre opostos, como o caos e a ordem.

Por outro lado, em outras culturas sequer se poderia falar em um começo específico para o Universo. Nesses casos, ou se entendia que o Universo havia sempre existido e para sempre existirá ou, como na tradição hindu, acreditava-se na ocorrência de ciclos de criação e destruição. E há, ainda, um tipo de mito de criação pelo qual é impossível ao ser humano compreender a origem de todas as coisas. Várias são as possibilidades, mas o que se verifica é a constância com que a humanidade se debruçou sobre a existência do Universo e procurou dar a ele um sentido apropriado.

Para o desenvolvimento do pensamento cosmológico, foram especialmente importantes os avanços promovidos por astrônomos gregos sobre a natureza e a organização do Universo. Normalmente de maneira associada à Filosofia, os pensadores gregos procuraram identificar quais eram os elementos básicos na estrutura do Cosmos e como eles estavam dispostos. Tales de Mileto, tido como o primeiro filósofo, foi também, em companhia de Anaximandro, um dos primeiros a propor um modelo celeste baseado no movimento dos astros, e não na manifestação de “deuses” temperamentais.

Com maior ou menor grau de acerto, diferentes pensadores da Grécia Antiga propuseram modelos cosmológicos para explicar o Universo. Assim é que, por exemplo, Filolau de Crotona já havia introduzido a ideia de movimento da Terra, que, no entanto, levaria muitos séculos até ser aceita. Aristarco de Samos, por sua vez, foi o primeiro a propor um modelo consistente de heliocentrismo, ou seja, com o Sol, e não a Terra, no centro do Universo (OLIVEIRA FILHO, 2014, p. 29).

Ele se antecipou em quase dois mil anos às descobertas de Copérnico, tendo ainda arranjado os planetas na ordem de distância do Sol, na mesma disposição conhecida hoje.

Contudo, apesar das notáveis descobertas feitas por esses astrônomos, tanto mais se considerarmos a precariedade dos instrumentos que tinham para as suas pesquisas, o modelo dominante de Cosmologia durante muito tempo ainda seria o do geocentrismo, ou seja, aquele em que o planeta Terra seria o centro imóvel do Universo e os demais astros apenas girariam ao redor dele.

Platão e, posteriormente, Aristóteles haviam criado modelos cosmológicos nos quais o Universo era visto como perfeito, imutável e eterno. Para Platão, o Universo teve um começo, mas ele não se sentia inclinado e nem capaz de dizer quem havia sido o seu autor (LOPES, 2014). Seja como for, o Cosmos e todo o mundo natural expressariam uma ordem divina. Em um Universo marcado pela perfeição e pela harmonia, atribuía-se aos astros do céu um movimento circular e uniforme ao redor de uma Terra imóvel.

Aristóteles endossaria essa tese e refutaria a ideia de que o Universo seria infinito, pois, se assim o fosse, não poderia ter um centro. No seu modelo, o Universo seria fechado, esférico, finito, hierarquizado e composto de esferas girando eternamente ao redor da Terra imóvel (LOPES, 2014). Ele também foi capaz de explicar a ocorrência de eclipses, comprovando o formato esférico da Terra (HAWKING, 2015, p. 12). A ordem no céu era vista por ele como eterna e imutável, mas havia certos problemas difíceis de serem explicados pela sua teoria, como o fato de que, em determinadas ocasiões, os astros celestes apareceriam mais próximos da Terra.

Cláudio Ptolomeu, último dos grandes astrônomos da antiguidade, propôs um modelo que buscou explicar as aparentes irregularidades no movimento dos astros. Seu modelo matemático e geográfico abarcava essas diferenças e foi capaz de prever o movimento dos planetas com considerável grau de acerto. Com essa fundamentação matemática, a cosmologia aristotélica se fortaleceu e se tornou um modelo usado por astrônomos até o século XVI (OLIVEIRA FILHO, 2014, p. 31). Ptolomeu também foi o autor do “*Almagesto*”, maior fonte de conhecimento sobre a antiga astronomia grega.

Com o advento do cristianismo como religião dominante, o conhecimento filosófico de então teve a sua validade submetida ao texto bíblico, tido como a única fonte confiável, inclusive para explicar o mundo natural. Por certo tempo, prevaleceu então a ideia cosmológica de que a Terra não estava no centro do Universo, mas no ponto mais baixo dele (acima estaria o Paraíso), e que ela não seria esférica como se acreditava, mas plana.

A partir do século IX, contudo, o pensamento grego volta a ser a referência cosmológica, havendo então esforços para se conciliar o texto bíblico com o conteúdo astronômico derivado principalmente de Aristóteles (LOPES, 2014).

Nos séculos seguintes, isso geraria muitas dissensões, chegando-se ao ponto de a Igreja proibir a leitura de Aristóteles, pois havia quem entendesse ser impossível a conciliação da Bíblia com a antiga filosofia grega. A partir dos estudos de Tomás de Aquino, porém, essa proibição foi relaxada.

Curiosamente, a base matemática defendida por Ptolomeu ainda demorou alguns séculos para voltar aos debates sobre o Cosmos, pois, até então, eles se limitavam ao caráter especulativo da filosofia aristotélica. Foi somente a partir do século XIV que a obra de Ptolomeu ressurgiu, e com ela a ciência astronômica, mais interessada em estruturas físicas do que teológicas.

Com o tempo, seria formado um grupo de matemáticos e outro de filósofos que se dedicavam a estudar o Cosmos, mas ambos concordavam que a Terra era imóvel e estava no centro do Universo, o qual era delimitado por uma esfera onde se localizariam as estrelas, astros igualmente imóveis, ao passo que os demais astros realizavam movimentos circulares e uniformes.

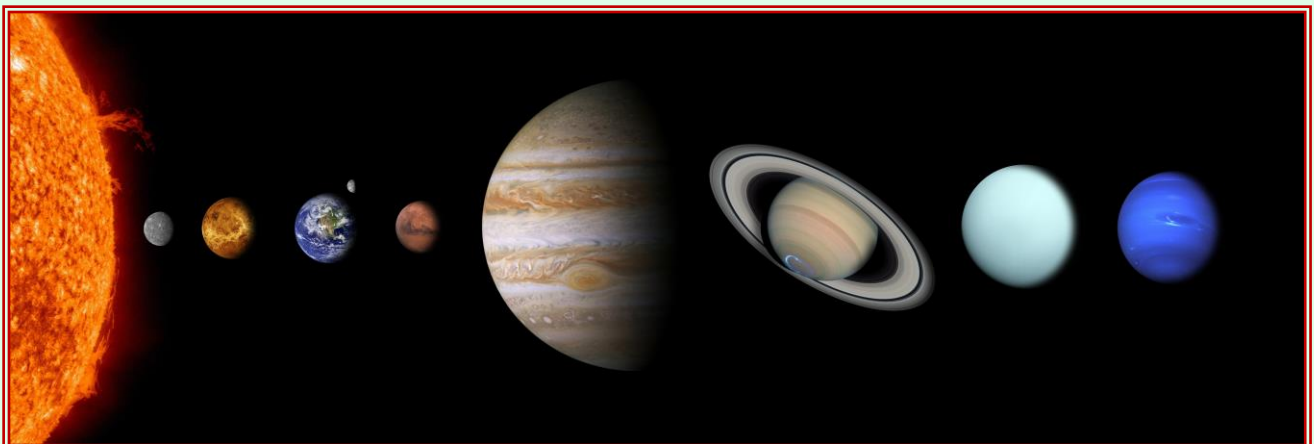
Veio então a revolução promovida por Nicolau Copérnico, para quem a astronomia era resultado da contribuição dos dois grupos, os matemáticos e os filósofos da natureza. Em 1543, Copérnico publica “Sobre as revoluções das esferas celestes”, obra que propunha um Universo cujo centro era o Sol, sendo a Terra apenas um dos astros que giravam ao redor dele. Isso resolvia muitas das contradições do modelo aristotélico-ptolomaico.

Tratava-se da teoria heliocêntrica que, com espantoso acerto, havia sido intuída muito tempo antes por Aristarco de Samos. Copérnico, munido dos conhecimentos do seu tempo, já tinha condições de dar uma melhor sustentação a essa tese. Ele sabia do caráter inovador das suas ideias, pois atribuir movimento à Terra contradizia as ideias astronômicas vigentes na época e era, ainda, inconveniente para a doutrina religiosa tradicional.

Por isso, Copérnico chegou a temer o tipo de reação que a sua obra poderia provocar, mas ainda levaria algum tempo até que o heliocentrismo fosse considerado, e mais ainda para que fosse reputado verdadeiro.

Em um cenário ainda marcado pelo geocentrismo, surge Giordano Bruno, pensador que se mostrou crítico ao modelo astronômico dominante, no qual o Universo era finito e hierarquizado. Bruno abraçou a teoria heliocêntrica de Copérnico, mas foi além, sustentando a existência de inumeráveis mundos em um Universo infinito (BRUNO, 2006). Como consequência da ideia de que a Terra tinha movimento, Bruno entendia que era possível abandonar a ideia de que o Universo tinha fim – e, sem um fim, não havia razão para que o número de mundos também não fosse igualmente ilimitado.

Bruno se definiu como um intérprete de Copérnico, demonstrando todas as implicações da teoria copernicana que não haviam sido percebidas sequer pelo seu idealizador (LOPES, 2014). Por isso, o modelo cosmológico sustentado por Bruno é um em que não existe a noção de centro e de finitude, características presentes tanto no modelo aristotélico como no copernicano.



O Sistema Solar

Isso fez com que as teorias de Bruno fossem rejeitadas pelos dois grupos, sem falar na tradição cristã, que enxergou apenas heresia nos seus postulados.

O tempo, contudo, viria a dar razão a Bruno, pois as suas principais ideias estão presentes nos modelos cosmológicos da atualidade.

O heliocentrismo, contudo, ainda tinha mais detratores que entusiastas. Aos poucos, surgiram adeptos como Miguel Mestlino, professor de Kepler, e o próprio Kepler, que estudou profundamente a teoria copernicana, mas seria apenas a partir do século XVII que a obra de Copérnico substituiria a de Ptolomeu como grande tratado astronômico (LOPES, 2014). Além de Kepler, o modelo copernicano receberia o apoio público de Galileu Galilei, que conseguiria então torná-lo o novo paradigma na ciência astronômica.

De fato, o filósofo e astrônomo italiano “sepultou” de vez o geocentrismo a partir das observações feitas em 1609 usando um telescópio, instrumento ótico por ele aperfeiçoado a partir de invento holandês. Galileu observou o planeta Júpiter e descobriu pequenos satélites ou luas que o orbitavam (HAWKING, 2015, p. 15). Com isso, foi demonstrado que esses astros não orbitavam a Terra e seria preciso um malabarismo teórico para explicar o movimento das luas de Júpiter com uma Terra centralizada e imóvel. A teoria de Copérnico era muito mais simples.

Ao mesmo tempo, Kepler aprimorou a teoria de Copérnico ao sugerir que os planetas se moviam em elipses, não em círculos. A partir de então, as previsões teóricas passaram a coincidir com as observações e já não havia motivos sérios para se duvidar do heliocentrismo, que, finalmente, passava a ser a teoria dominante para descrever a posição da Terra no Cosmos.

Apesar desses avanços, ainda faltava às teorias cosmológicas a explicação para o fato de os astros se moverem da forma com que se movimentam. Uma convincente resposta surgiria com Isaac Newton, que conseguiu unificar a lógica do movimento dos corpos na Terra com o movimento dos corpos no espaço (RODRIGUES, 2011, p. 29). Ele percebeu que o mecanismo que fazia com que os objetos caíssem na Terra também era o responsável por fazer com que os planetas orbitassem ao redor do Sol e os satélites ao redor dos planetas. Esse entendimento levou à formulação da teoria da gravitação universal, segundo a qual a gravidade seria uma força de atração entre os objetos.

As descobertas de Newton criavam certas dificuldades para a tese de que o Universo fosse estático e infinito, pois, entre as inusitadas conclusões a que isso levaria, estava a de que o céu noturno deveria ser tão brilhante quanto o Sol. A saída para esse dilema seria admitir que as estrelas não brilhavam desde sempre, mas a partir de um momento específico (HAWKING, 2015, p. 18). Isso levantava novamente a questão sobre a ocorrência ou não de um início específico para o Universo, mas a maioria das pessoas ainda acreditava em um Universo essencialmente estático e imutável.

Apesar da revolução que as conclusões de Newton representaram para a Física, a aplicação cosmológica de suas ideias se mostrava problemática, pois, a partir de uma origem qualquer no Universo, era necessário ter dados precisos sobre todos os outros astros à sua volta. Só assim seria possível calcular a força gravitacional. Essa situação mudaria com a Teoria da Relatividade Geral proposta por Einstein em 1915, que, embora complicasse um tanto a matemática envolvida, simplificou o cálculo da força gravitacional. Eis o início da Cosmologia moderna (CHERMAN, 2000, p. 27).

A partir de Einstein, entendeu-se que um planeta não orbita a sua estrela em função de uma força que ela exerce sobre ele. Na verdade, a simples presença da estrela curvaria o espaço de tal maneira que seria impossível ao planeta não desempenhar uma órbita elíptica. E outra conclusão essencial à Cosmologia que se deve à Teoria da Relatividade Geral é a de que o nosso Universo não seria estático, mas dinâmico, ou seja, estaria em movimento. Como frequentemente acontece com as teorias de Einstein, os seus resultados viriam a ser confirmados mais tarde, por meio de observações.

A época era de grandes descobertas. Ainda no século XVIII, o astrônomo Thomas Wright, o filósofo Immanuel Kant e outros já sugeriam que certas “manchas luminosas” no céu poderiam ser sistemas parecidos à Via Láctea que apenas estavam distantes demais para serem observados em detalhes (SOARES, 2007). Isso seria confirmado a partir das observações feitas entre 1922 e 1923 pelo astrônomo norte-americano Edwin Hubble. Ao se deter em uma “mancha” específica no espaço, a mais próxima da Terra, Hubble conseguiu enxergar nela estrelas individuais.

Então ele calculou a distância até essas estrelas e descobriu que era imensa: era maior do que a extensão da Via Láctea. Definitivamente, aquelas estrelas não faziam parte da nossa galáxia, mas constituíam outra: a galáxia de Andrômeda.

Hubble usou o mesmo método para outras das manchas, que até então eram interpretadas como “nebulosas”, e o resultado foi o mesmo, ou seja: eram estrelas de outras galáxias. Isso significou um importante avanço para a Cosmologia. Se nada havia de especial na posição da Terra em relação ao Sistema Solar, agora se descobria que nem mesmo havia algo de especial na nossa galáxia, pois ela era apenas mais uma entre muitas outras.

Mas a contribuição de Hubble à Cosmologia não se encerraria aí, pois, a partir do estudo dessas novas galáxias, foi possível perceber, em 1929, o fato de elas estarem se afastando de nós. Esse era um resultado previsto pela Teoria da Relatividade Geral de Einstein, ainda que o próprio Einstein, a princípio, não gostasse dessa conclusão (CHERMAN, 2000, p. 30). Mas as observações feitas por Hubble eram significativas o bastante para que o próprio Einstein as acolhesse. Era verdade: o Universo se expandia. Havia muito mais no Cosmos do que algum dia a humanidade supôs.

Ora, a conclusão natural que se tira a partir do afastamento das galáxias é a de que, um dia, elas já estiveram mais próximas. E, aparentemente, houve um momento em que toda a matéria esteve tão próxima que se localizava em um único ponto, de densidade infinita (HAWKING, 2015, p. 20). Em outras palavras, teria havido um instante único significativo o bastante para espalhar pelo Universo toda a matéria que hoje conseguimos observar.

Essa tese já tinha defensores antes mesmo das descobertas de Hubble em 1929, sendo geralmente citado o nome do astrônomo Georges Lemaître como o primeiro a especular, ainda em 1927, que, se o Universo estava em expansão, então ele necessariamente haveria de ter sido muito menor, mais quente e mais denso no passado (CHERMAN, 2000, p. 36). Essa é a teoria que ficaria conhecida como “*Big Bang*”, na qual teria havido um instante específico em que a expansão do Universo teve início. Ainda hoje, essa é a hipótese dominante entre os que buscam explicar o início do Universo.

Isso não significa, porém, que não tenha havido problemas para se admitir a validade de semelhante teoria.

Houve, inclusive, modelos cosmológicos que ofereciam explicações diversas, a exemplo do “Universo estacionário” proposto por Fred Hoyle, que rejeitava a ocorrência de uma singularidade como o *Big Bang* no início do Universo. Na teoria de Hoyle, o Universo ainda poderia ser eterno e praticamente imutável, mesmo com as galáxias se afastando uma das outras, desde que novas galáxias se formassem no espaço vazio deixado entre elas (CHERMAN, 2000, p. 32-33).

Hoyle acabaria cultivando uma rivalidade com o físico George Gamow, que havia calculado como seria, de fato, um Universo surgido a partir de uma grande expansão inicial. Um dos argumentos usados por Hoyle para refutar os resultados de Gamow era a de que eles faziam ressurgir o papel de Deus na ciência, recuando a Cosmologia a uma época em que era dominada pela religião (id., p. 34). É que parecia a Hoyle que esse instante de surgimento do Universo exigia a figura de um criador. Por uma ironia do destino, foi na tentativa de refutar as teses de Gamow que Hoyle criou o termo “*Big Bang*”, que logo se popularizou e é usado até os dias de hoje.

Apesar do entendimento de Hoyle, prevaleceu a ideia de que o *Big Bang* não necessariamente exige a figura de um criador, pois, em verdade, aquilo que teria acontecido antes dessa singularidade é incognoscível e escapa das definições da Física (HAWKING, 2015, p. 20). À cosmologia moderna, interessam os motivos físicos que levaram ao início do Universo.

A teoria do *Big Bang* previa a existência de radiação cósmica de fundo, liberada no início do Universo e que, atualmente, ainda seria perceptível em qualquer ponto do Cosmos. Essa radiação foi realmente descoberta em 1964 por Arno Penzias e Robert Wilson (VILLELA, 2004). Era um forte argumento a endossar a ocorrência de um evento inicial para o Universo.

No modelo cosmológico padrão, assim que ocorreu o *Big Bang* (há cerca de 13,8 bilhões de anos), as quatro forças conhecidas na Natureza (gravitação, força eletromagnética, força nuclear fraca e força nuclear forte) estavam juntas, mas, com a expansão inicial, houve uma queda gradual da temperatura até que elas começaram se separar. Com a separação, o núcleo dos átomos começou a ser formado. Prótons e nêutrons originaram átomos leves de deutério, hélio e lítio. Mas levaria cerca de um bilhão de anos até que as primeiras estrelas fossem formadas e surgissem outros elementos químicos, como nitrogênio, oxigênio e carbono (RODRIGUES, 2011).

Depois de mais alguns bilhões de anos, o calor e a pressão no núcleo dessas estrelas fizeram com que elas iniciassem um processo de fusão nuclear, no qual dois átomos de hidrogênio eram fundidos, criando um átomo de hélio. As estrelas sintetizavam ainda metais mais pesados, gerando novos elementos – assim surgiram todos os demais elementos da Tabela Periódica.

Passou ainda mais algum tempo até que os planetas pudessem se formar a partir dos discos de gás e poeira que circundavam as estrelas. No caso da Terra, acredita-se que essa formação tenha ocorrido há 4,5 bilhões de anos. As estrelas se agrupam em galáxias e essas, por sua vez, se agrupam em estruturas cada vez maiores, chamadas filamentos. Essa é, em linhas gerais, a explicação tradicional para a evolução cósmica derivada da ideia de que o Universo está em expansão e, por isso, teve um início específico.

Naturalmente, muitos “ajustes” ainda precisavam ser feitos para acomodar a realidade aos modelos cosmológicos sugeridos, ao mesmo tempo em que novos mistérios surgiam. É o caso da matéria escura do Universo, cuja existência é reivindicada para explicar a discrepância nos valores das curvas de rotação de galáxias e das velocidades delas em conglomerados (OLIVEIRA FILHO, 2014, p. 651).



M31. Andrômeda

pixabay 

Como o nome sugere, a matéria escura não observável, motivo pelo qual também não se sabe qual é a sua constituição. A esse mistério se soma o da energia escura, ambos a abranger aproximadamente 95% de todos os componentes do Universo.

Enquanto isso, a tecnologia também se aprimorava, permitindo que o ser humano realizasse observações mais precisas sobre o Universo. Já em 1990, a NASA enviou ao espaço o telescópio Hubble, o qual permitiu à humanidade conhecer em detalhes porções do Universo que até então eram ignoradas. São do Hubble as melhores imagens já obtidas do Universo.

Além disso, o telescópio espacial foi capaz de identificar “exoplanetas”, ou seja, planetas pertencentes a outros sistemas solares que não o nosso. Já se deduzia que as estrelas, assim como o Sol, tivessem planetas orbitando ao seu redor, mas foi a partir do Hubble que isso pôde ser comprovado.

Era a constatação de que também não havia nada de especial com o nosso Sistema Solar, apenas mais um em meio à infinidade de outros no Cosmos. Nunca a Terra havia estado tão longe de ser o centro do Universo.

Atualmente, por meio de diferentes métodos de detecção, os astrônomos já identificaram mais de 4 mil exoplanetas (GONÇALVES, 2019). Tudo leva a crer que esse ainda é um número ínfimo, se comparado com a totalidade de planetas que deve existir. Basta se atentar ao número de estrelas e de galáxias. O telescópio Hubble produziu uma imagem do “campo profundo” do Universo na qual aparecem aproximadamente 10 mil galáxias surgidas nos primórdios do Universo e a uma distância de 13,2 bilhões de anos-luz da Terra (AZEVEDO, 2013). São números elevados, mas que nem de longe dão conta de mapear a imensa vastidão do Universo.

Afinal, segundo estimativas recentes feitas por um grupo internacional de astrônomos, o número de galáxias no Universo observável seria algo em torno de um a dois trilhões (DVORSKY, 2016). Em consequência disso, o número de estrelas é estimado em 700 sextilhões, que é um 7 seguido de 23 zeros. E tudo isso apenas no Universo observável, isto é, na parte do Universo que é possível visualizar desde a Terra. Considerando que se acredita que a maior parte das estrelas tenha originado sistemas planetários, o número de planetas também deve ser assustadoramente alto.

No fim das contas, a astronomia tem confirmado aquilo que, séculos atrás, já era intuído por Giordano Bruno: o vasto número de mundos espalhados pelo Universo. Qualquer sistema cosmológico sugerido na atualidade deve abarcar a incrível extensão do Cosmos. Embora o conhecimento humano a respeito do que existe no Universo ainda seja bastante limitado, há cada vez mais avanços e uma pesquisa recentíssima sugere que já tenhamos identificado o primeiro planeta em outra galáxia (CAVALCANTE, 2020).

Conforme avançava o entendimento de que o Universo não era eterno, mas havia surgido em um momento específico, foi inevitável pensar também que um dia ele poderá chegar a um fim.

São muitos os cenários possíveis para um eventual desfecho cósmico, a depender do formato do Universo. Afinal, se o Universo for aberto ou plano, ele se expandirá para sempre. Por outro lado, se for fechado, ele voltará a se contrair em algum momento (ADAMS, 2001, p. 231). Nesse último cenário, a gravidade terá vencido a batalha contra a expansão e a sua contração levaria a uma grande implosão (o “*Big Crunch*”), colapsando toda a matéria hoje existente no Cosmos.

Alguns vão além e dizem que, depois da contração, tornaria a ocorrer um *Big Bang*, iniciando um novo ciclo, a se repetir indefinidamente. Isso daria razão a antigos mitos cosmológicos que sustentavam a contínua criação e destruição do Universo. Contudo, essa teoria tem perdido força nos últimos tempos, diante das observações de que não apenas o Universo continua a sua expansão, mas que, inclusive, isso está se dando de maneira cada vez mais rápida, a sugerir um processo expansivo irreversível (SKIBBA, 2020).

Outra possibilidade aventada é a do “*Big Freeze*”, isto é, a do “grande congelamento”, consequência do afastamento cada vez maior de toda a matéria, situação que dispersará o material das estrelas mortas e impedirá que novas estrelas venham a se formar (id.). Lentamente, o Universo vai se apagando e esfriando até chegar ao zero absoluto. Tudo que haverá então é uma “noite eterna” que acabará com qualquer possibilidade de vida.

Isso parece dramático, mas há ainda a possibilidade do “*Big Rip*”, que pode ser entendido como o “grande rasgo” do Universo. Nesse cenário, acredita-se que a energia escura seja capaz de acelerar ainda mais a expansão do Universo, até chegar a um ponto em que a gravidade não dará mais conta de manter os conglomerados galácticos juntos (id.).

Sistemas solares como o nosso não conseguiriam então manter a sua coesão gravitacional. Finalmente, estrelas, planetas, átomos e até quarks se dissipariam.

Essas e ainda outras hipóteses para o fim do Universo são deveras especulativas, pois, além de elas não serem testáveis, a própria análise é prejudicada pelo fato de que estamos restritos a uma parte específica no espaço-tempo, sem condições de ter uma visão completa do cenário (ADAMS, 2001, p. 232). Já é, em todo caso, notável que a humanidade, depois de milênios de uma trajetória buscando compreender o Universo, tenha chegado ao ponto de cogitar os cenários prováveis para o seu fim.

Embora as teorias de Einstein tenham revolucionado a Cosmologia e a Física como um todo, seus resultados precisavam ser conciliados com os de outra revolução, a quântica, promovida a partir dos estudos de cientistas como Max Planck, Heisenberg, Dirac e Schrödinger. A mecânica quântica parte do mundo subatômico, no qual partículas minúsculas não possuem posição e nem velocidades definidas, em uma aparente aleatoriedade que deixou o próprio Einstein perplexo. Os cientistas passaram então a buscar conciliar essas surpreendentes descobertas do mundo subatômico com aquilo que já se sabia sobre o Universo, composto por astros gigantescos, sujeitos à influência gravitacional e a distorções no espaço-tempo.

Uma série de teorias quânticas da gravidade foi desenvolvida, chamadas, de maneira genérica, de “teorias das cordas” ou “teorias das supercordas”. A premissa dessas teorias é que os constituintes básicos da Natureza não são partículas fundamentais, mas sim “cordas”, entendidas como objetos de uma única dimensão, extensos e similares, de fato, a uma corda.

Trata-se de uma teoria que abrange diferentes campos da Física, mas, no caso específico da Cosmologia, as cordas são aplicadas na criação de um modelo cosmológico inflacionário, ou seja, aquele que é consequente de uma rápida e exponencial expansão do Universo (MACHADO, 2018). Nos modelos originários da Teoria das Cordas, após o período inflacionário, o Universo é dominado por um tipo específico de matéria (os “moduli”), e não pela radiação, como nos modelos tradicionais derivados do *Big Bang*.

Entre os postulados da Teoria de Cordas, está a de que ela somente funcionaria em um Universo com 11 dimensões espaciais, ou seja, indo muito além das três dimensões de espaço e uma de tempo que conhecemos atualmente. Isso, por si só, já é algo surpreendente e que parece saído de roteiros de ficção científica, mas a Cosmologia contemporânea apresenta uma hipótese ainda mais intrigante: a de que existem outros Universos.

De fato, recentemente tem ganhado força no meio cosmológico a hipótese de que o nosso Universo é apenas um em meio a vários outros. Essa teoria é conhecida como “Multiverso” ou “Universos múltiplos”. Quiçá mais acertada seja a designação “Cosmos”, a abranger a Totalidade. Existiria um “nada quântico” no qual, aleatoriamente, ocorreriam flutuações de energia que, por sua vez, originariam pequenas bolhas de espaço. As bolhas seriam “universos-bebês”.

Contudo, a maior parte dessas flutuações retornaria à “sopa quântica” de onde provieram. Em alguns casos, porém, essas bolhas se desenvolveriam. O nosso Universo seria um dos casos em que a bolha “vingou”, existindo por tempo suficiente para que a matéria dentro dele se organizasse formando galáxias, estrelas e pessoas (GLEISER, 2010).

Nosso caso não seria o único, cogitando-se que outras bolhas evoluíram e organizaram Universos próprios, distintos do nosso e talvez até com outras leis físicas ou constantes da Natureza. Essas diferenças entre Universos levariam a uma busca para se entender por que o nosso tem as características que tem. São, na verdade, muitas as teorias a respeito de como seria esse Multiverso (eterno, em algumas versões), mas ainda não se descobriu um meio adequado para comprovar a sua existência.

De todo modo, é interessante observar como a concepção cosmológica da humanidade foi se aperfeiçoando ao longo do tempo e afastando o “centro” de tudo o que existe. Inicialmente, os humanos consideravam a Terra o centro do Universo. Mais tarde, o Sol passou a ocupar esse lugar. Contudo, aprendemos então que o nosso Sistema Solar é só mais um entre incontáveis outros e que a Via Láctea é só mais uma entre trilhões de galáxias. Agora, estamos cogitando que o nosso próprio Universo seja só mais um em meio a vários outros.

Embora isso possa relativizar a nossa importância no esquema geral do Cosmos, deve-se ressaltar que a humanidade faz parte dos seres que estão em condições de refletir sobre o funcionamento de tudo o que existe, fato que nos coloca (de momento) no topo da cadeia evolutiva planetária. E certamente foram notáveis os avanços que a humanidade já teve a respeito das origens, da composição e do destino do Cosmos. Ainda há muitos mistérios, como o da energia e o da matéria escura, cujo papel e atuação ainda não foram satisfatoriamente explicados. São desafios a que a Cosmologia se entregará para aprimorar o modelo sobre a Totalidade.

É de se notar que a Cosmologia atual reconhece, por leis da probabilidade, que a vida deve existir em outros pontos do Universo, inclusive de forma inteligente. Se a comprovação da vida em outros planetas ocorrer, muitas das concepções sobre o Cosmos, provavelmente, precisarão ser adequadas.

E então Giordano Bruno terá acertado em mais uma das suas previsões, ou seja, a de que os muitos mundos que existem também são habitados.

Tudo isso é consequência dos métodos e dos instrumentos disponíveis para a Cosmologia moderna, que, como visto, se insere em uma longa trajetória do pensamento humano, sempre em busca das respostas para as questões primordiais da sua existência. Por mais difícil que seja encontrar respostas para essas inquietações, a humanidade já tem alcançado resultados expressivos, estimulando novas pesquisas e mantendo vivo o interesse pelo Cosmos.

“Há mais mistérios
entre o céu e a terra
do que a vã filosofia
humana possa
imaginar”.

(Shakespeare)



Imagem de campo profundo. Telescópio Hubble

REFERÊNCIAS

ADAMS, Fred; LAUGHLIN, Greg. **Uma biografia do Universo: Do big bang à desintegração final**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

AZEVEDO, Renato A. Telescópio Hubble completa 23 anos em órbita. **Revista UFO**, São Paulo, 24 abr. 2013. Disponível em: <<https://ufo.com.br/noticias/telescopio-hubble-completa-23-anos-em-orbita/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito do universo e dos mundos**. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2006.

CAVALCANTE, Daniele. Este pode ser o 1º planeta descoberto em outra galáxia, a 23 milhões de anos-luz. **Canal Tech**, São Bernardo do Campo, 24 set. 2020. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/espaco/este-pode-ser-o-1o-planeta-descoberto-em-outra-galaxia-a-23-milhoes-de-anos-luz-172047/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

CHERMAN, Alexandre. **Cosmo-o-quê?: Uma introdução à cosmologia**. Rio de Janeiro: Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

DVORSKY, George. Estávamos muito errados sobre o número de galáxias no Universo. **Gizmodo Brasil**, São Paulo, 14 out. 2016. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/hubble-numero-galaxias-universo/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

GLEISER, Marcelo. **A dança do Universo: Dos mitos de criação ao Big-Bang**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **A criação imperfeita: Cosmos, vida e o código oculto da natureza**. São Paulo: Record, 2010.

GONÇALVES, Thiago Signorini. Astrônomos atingem a marca de 4000 planetas descobertos. **Portal IG**, São Paulo, 19 jun. 2019. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/astronoticias/2019-06-19/astronomos-atingem-4000-exoplanetas-confirmados.html>>. Acesso em: 25 set. 2020.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LOPES, Ideusa Celestino. Giordano Bruno: Entre o geocentrismo e o heliocentrismo. **Griot – Revista de Filosofia da UFRB**, v. 9, n. 1, jun. 2014. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/603/319>>. Acesso em: 22 set. 2020.

MACHADO, Magno V. T. Teoria das cordas: Por que ainda não foi comprovada?. **CREf – Centro de Referência para o Ensino da Física**, UFRGS, Porto Alegre, 17 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/novocref/?contact-pergunta=teoria-das-cordas-por-que-ainda-nao-foi-comprovada>>. Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. **Astronomia e Astrofísica**. Departamento de Astronomia – Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/livro.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020.

RODRIGUES, Maysa. **Astronomia: Uma viagem filosófica e científica**. Conhecimento Prático – Filosofia, São Paulo, Vol. 29, 2011.

SKIBBA, Ramin. *Crunch, rip, freeze or decay: How will the Universe end?* **Revista Nature**, Londres, 10 Ago. 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-020-02338-w>>. Acesso em: 25 set. 2020.

SOARES, Domingos Sávio de Lima. **Edwin Hubble e a descoberta das galáxias**. Observatório UFMG, Belo Horizonte, 28 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.observatorio.ufmg.br/Pas77.htm>>. Acesso em: 24 set. 2020.

VILLELLA, Thyrso; FERREIRA, Ivan; WUENSCHÉ, Carlos Alexandre. **Cosmologia observacional: A radiação cósmica de fundo em microondas**. Revista USP, São Paulo, n. 62, jun/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13346/15164/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

WUENSCHÉ, Carlos Alexandre. **Cosmologia**. INPE – Divisão de Astrofísica, 2017. Disponível em: <<http://www.das.inpe.br/~alex/Divulgacao/cosmologia2017.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2020.



Telescópio Espacial Hubble


HUBBLESITE

COMO IDENTIFICAR UM OVNI?

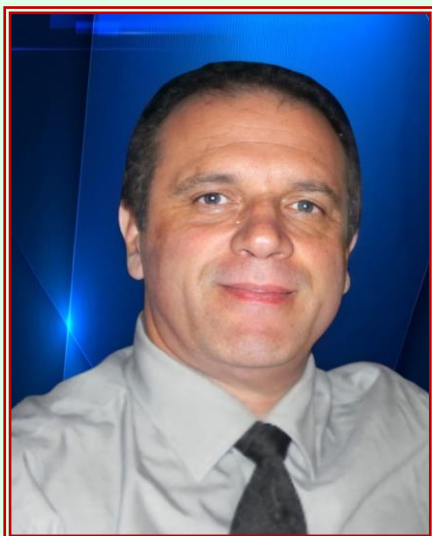
TONI INAJAR

RESUMO

A possibilidade de olhar para o céu e avistar um Objeto Voador Não Identificado já é admitida por um número cada vez maior de pessoas. Muitas delas não apenas acreditam que isso é possível como, inclusive, já alegam terem testemunhado um evento de origem alienígena ocorrido no céu. E, para provar as suas alegações, apresentam fotos e vídeos de algum misterioso objeto luminoso. Contudo, o que se percebe é que, frequentemente, essas pessoas se deixam levar pelo entusiasmo e classificam como alienígena certos fenômenos que são absolutamente naturais. São nuvens, planetas, satélites, aviões, balões e uma série de outros motivos que não possuem qualquer relação com uma nave alienígena. Convém educar o olhar do observador, para que perceba as principais causas de confusão com os OVNI's verdadeiros e se atenha às características geralmente esperadas para uma nave de origem alienígena, como movimentos bruscos e impossíveis para as aeronaves humanas. A pesquisa ufológica exige um rigor de análise e apenas depois de descartadas as explicações naturais é que se pode cogitar a explicação alienígena.

PALAVRAS-CHAVE

OVNI's. Avistamentos no céu. Pesquisa ufológica.



SOBRE O AUTOR

TONI INAJAR (Inajar Antonio Kurowski), paranaense nascido e criado em Curitiba, é graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Paraná (1986), Pós-graduado (*Latu Sensu*) em Metodologia da Ciência (1994) pelas Faculdades Integradas Espírita e mestre em Gestão Ambiental (2010) pela Universidade Positivo. No campo profissional, é Perito Criminal (1994-), com ênfase em Fotografia Forense, Identificação Veicular, Balística Forense, Locais de Crimes contra a Pessoa e Locais de Crimes contra o Patrimônio.

Foi professor desses temas na Escola Superior de Polícia Civil do Paraná e atuou como professor convidado na Polícia Militar do Paraná. Foi professor universitário na FAPAR – Faculdade Paranaense e também como convidado em várias instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, dentre elas Universidade Federal do Paraná, Universidade Positivo, UniBrasil e Universidade Tuiuti.

Na área ufológica, realizou várias pesquisas de campo em avistamentos de naves e seres e também pesquisou “*in loco*” agroglifos, no Brasil e na Inglaterra. Palestrante consagrado na ufologia, já participou em diversos congressos e seminários ufológicos. É o coordenador do Grupo e Análises de Imagens da Revista UFO e também Coeditor da Revista UFO. É padrinho do PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco.

Contato: inajark@yahoo.com.br

Conforme o fenômeno OVNI se populariza e mais pessoas começam a ter a sua atenção voltada para a possibilidade de naves extraterrestres serem vistas no céu, maior também é a quantidade de imagens e vídeos que, supostamente, evidenciarão a presença na Terra de seres do espaço. Contudo, com frequência se percebe que o observador se deixa levar pelo entusiasmo e classifica como sendo de origem alienígena um fenômeno que, na realidade, era de origem natural e perfeitamente terrestre.

Para evitar esse tipo de confusão, é importante que o observador esteja atento à vasta gama de fenômenos naturais que ocorrem cotidianamente no céu e que, antes de atribuir uma origem extraterrestre a um possível OVNI avistado, verifique se o evento não possui uma explicação muito mais simples. A explicação alienígena provavelmente é a que mais seduz o observador, mas nem por isso ele deve deixar de levar em consideração certos critérios para orientar a classificação ou não de um objeto voador como extraterrestre. Somente depois de terem sido descartadas todas as hipóteses naturais é que se pode cogitar da hipótese alienígena. Para isso, convém conhecer um pouco mais sobre as causas naturais geralmente confundidas com extraterrestres.

OVNIS QUE NÃO SÃO EXTRATERRESTRES

Apesar de, hoje em dia, todos conhecerem a sigla “OVNI”, nem todos têm a real compreensão do que ela significa. Comumente, ela é associada a discos voadores e seres extraterrestres, mas OVNI quer dizer apenas objeto voador não identificado e pode ser qualquer balão, aeronave, meteorito, satélite, míssil, ave, enfim, qualquer coisa vista no céu e que não pode ser identificada de imediato.

Com tantos objetos diferentes presentes em nossa atmosfera, não é nada fácil para leigos classificar corretamente algo como OVNI.

Na verdade, para os leigos, quase tudo que há no ar é OVNI. Um maior conhecimento dos fenômenos naturais, porém, diminui a quantidade de OVNI, já que, então, muitos dos “objetos voadores” são identificados.

Conhecer o céu e os fenômenos meteorológicos é o primeiro passo para saber se o que está sendo avistado é ou não um OVNI autêntico. O primeiro passo é estudar os diversos tipos de nuvens (nimbologia) e conhecer as várias formas e cores que elas podem adquirir, como nuvens lenticulares e células de tempestade. Fenômenos como parélio e paraselênio também são frequentemente confundidos com OVNI.



<https://www.dn.pt/sociedade/nao-nao-e-uma-invasao-extraterrestre-sao-nuvens-lenticulares-4880201.html>

Nuvens Lenticulares

Diário de Notícias



<https://spacetoday.com.br/no-olho-da-tempestade-imagens-fantasticas-de-impressionantes-super-celulas-de-tempestades/>

Células de tempestade

Sean R. Heavey/Space Today.

As imagens acima mostram as impressionantes conformações que as nuvens podem adotar, inclusive se aproximando do formato discoide, no caso das nuvens lenticulares, mas, definitivamente, elas não merecem ser chamadas de OVNI – e muito menos têm alguma origem extraterrestre.

Parecidos com as nuvens, por apresentarem as mesmas variações de cores, são os rastros de jato de avião. Muitos aviões são avistados quando estão muito distantes, principalmente quando se aproximam do horizonte, e o seu rastro pode parecer “curto”, quando, na realidade, tem centenas de metros, senão quilômetros. Nessa situação, é impossível distinguir o avião e vemos somente o seu rastro, o qual pode estar próximo de um nascer ou pôr de Sol e assim adquirir cores atípicas, indo do amarelo claro, passando pelo alaranjado e chegando ao vermelho ou até à cor púrpura. Obviamente, nem por isso se trata de um fenômeno que mereça ser chamado de OVNI.

Também é muito comum, atualmente, as pessoas confundirem um satélite com um OVNI, pois muitos deles podem ser vistos a olho nu. Os melhores períodos para vê-los são as duas horas que sucedem o pôr do sol e as duas horas que antecedem o seu nascer. Isso porque, como os satélites não têm luz própria, para se tornarem visíveis, eles devem estar iluminados pela luz solar, enquanto o observador em terra deve ter o céu escuro. Os satélites têm a aparência de uma estrela que se move com relativa rapidez, sempre em linha reta, mas não fazendo curvas ou manobras e nem alterando a sua velocidade, como geralmente se espera de um OVNI.

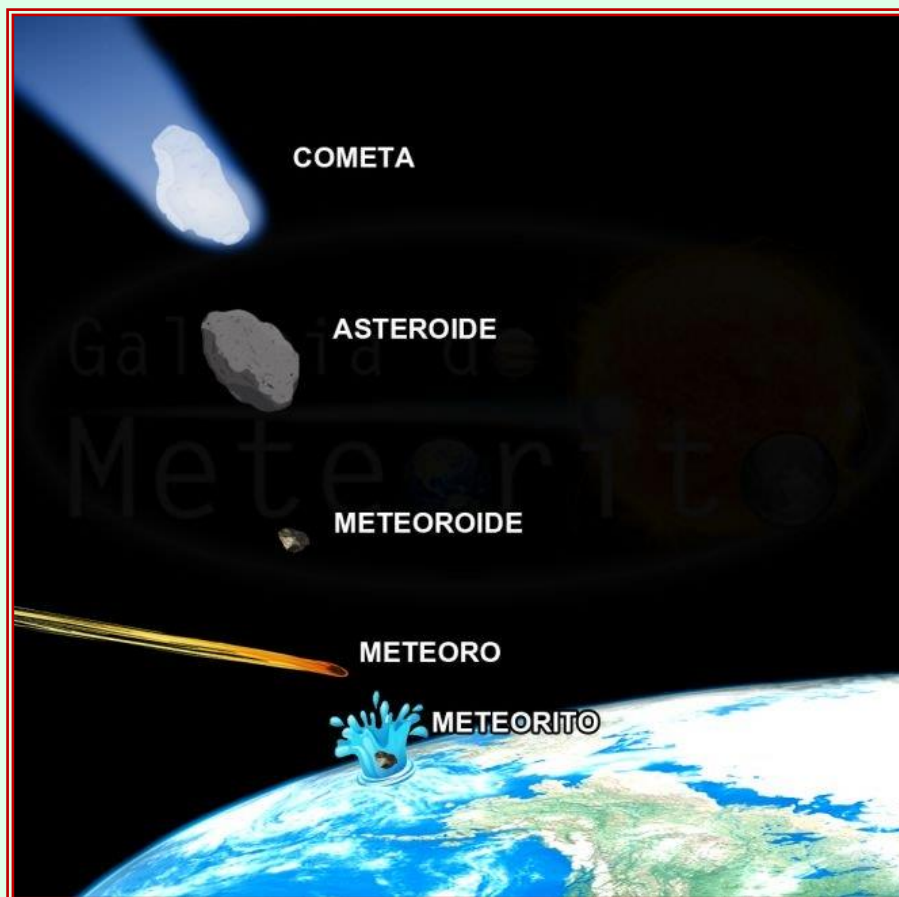
Para aprender a diferenciar satélites, meteoritos e outros astros, distinguindo o que há de natural e de artificial naquilo que se observa constantemente no céu, é necessário prática e estudo. É preciso conhecer e reconhecer as principais estrelas, constelações e planetas. As estrelas, inclusive, podem servir como pontos de referência para podermos localizar outros objetos no céu.

Alguns planetas, quando estão mais próximos do horizonte ou da Lua, também podem ocasionar confusão com OVNI's. Vênus e Júpiter são os planetas mais brilhantes do firmamento, mas Marte e Saturno, ainda que sejam menos brilhantes, também podem causar certa confusão.

Cometas são raros e bastante noticiados, não sendo comum confundirlos com OVNI's, ao menos onde existe acesso à televisão e *internet*.

Já os meteoros, que comumente se desintegram e produzem um rastro luminoso visível ao passarem pelas camadas atmosféricas, sim, frequentemente são causa de engano. Alguns podem cruzar o céu durante mais de um minuto e, inclusive, ser vistos em plena luz do dia.

Quando, porventura, um meteoro consegue atingir o solo, o seu remanescente passa a se chamar meteorito e é isso (ou seja, essa “pedra”) que vemos em museus e laboratórios.



<https://canaltech.com.br/espaco/diferenca-entre-meteoro-meteorito-meteoroides-asteroide-e-cometa-153277/>

Cometa, asteroide, meteoróide, meteoro, meteorito

Galeria do Meteorito/Canal Tech

Ainda sobre condições atmosféricas, existe um fenômeno elétrico conhecido como “raios bola”, os quais podem gerar efeitos muito surpreendentes. São constituídos por “plasma” que se desprende de nuvens eletricamente saturadas ou provenientes de relâmpagos e assumem formato esférico, podendo se aproximar muito do solo, desvanecendo-se em seguida, mas por vezes perdurando por até vários minutos, apresentando um tamanho que varia de poucos centímetros a aproximadamente um metro.

Comumente, esse fenômeno surge em fortes tempestades, mas também pode surgir sem chuvas, quando há apenas tempestade elétrica (comum na Austrália). Sua coloração mais comum é o vermelho-alaranjado e ele pode se deslocar a até 100 km/h, sendo indiferente à direção do vento ou à ação da gravidade. Também esse fenômeno, portanto, pode confundir um observador, levando-o a concluir que se trata de um OVNI.

Outra causa comum de erros de interpretação é o “fogo fátuo” (boitatá = coisa de fogo, cobra de fogo). Nada mais é do que um gás especial que emana de substâncias vegetais e animais em decomposição orgânica, chamado "hidrogênio fosforado gasoso". Esse fenômeno é bastante comum em cemitérios e pântanos. Por conter fósforo e hidrogênio, esse gás queima com extrema facilidade, apresentando coloração esverdeada ou azulada, movimentando-se de acordo com a direção e intensidade do vento.

Os balões, meteorológicos ou “juninos”, são causa quase certa de confusão com OVNI. Eles podem ter formas e tamanhos os mais diversos, inclusive imitando disco-voador. Um tipo que está sendo bastante frequente é o “balão solar”, constituído por filme plástico semelhante aos de saco de lixo e que já foram tomados por verdadeiros OVNI em diversas ocasiões.

Outra fonte de erro de interpretação ocorre quando alguém fotografa um ambiente aberto, principalmente em meio à natureza, e, ao observar a foto capturada, constata a presença de algo que não percebeu quando tirou a foto. São os chamados “OVNI fortuitos”! Essas imagens chegam aos montes para análise e, geralmente, nada mais são do que pássaros ou insetos passando muito próximos da lente da câmera. Quanto mais rápida for essa passagem, mais o pássaro ou o inseto assume na imagem uma forma alongada, elipsoide, o que acentua a confusão!



<https://www.diamantepipas.com.br/balao-solar-tubular-preto-biodegradavel-15-metros>

Balão solar tubular

Diamante Pipas

Drones recreacionais, à noite, por apresentarem luzes de navegação e realizarem movimentos incomuns para aeronaves tripuladas, também têm sido uma causa bastante frequente de erros de interpretação.

Outro erro comum de confusão com OVNI são os reflexos, seja em vidros de janela, para-brisas de veículos ou mesmo sobre a lente da câmera (*lens flare*), os quais ocorrem devido à presença de uma forte fonte luminosa no enquadramento focado. Mais uma vez, não se trata de um OVNI legítimo e, naturalmente, não revela nenhuma nave extraterrestre.

Bem se vê, portanto, que há muitos fenômenos e situações que podem iludir o observador e levá-lo a concluir, equivocadamente, que se trata de um OVNI. Além de verificar, inicialmente, se o objeto avistado não se encaixa em alguma das explicações aqui apontadas, convém prestar atenção às características principais dos OVNI considerados legítimos.

CARACTERÍSTICAS DO OVNI VERDADEIRO

Em nossa prática, constatamos que os tipos de OVNI's mais comuns são objetos que possuem luzes ou têm aparência metálica, comumente não aparentando emitir som algum ou então sons como de uma máquina de lavar ou de uma enceradeira elétrica. Podem ser vistos isoladamente ou em grupo, nos mais diversos formatos e tamanhos, indo desde pequenas esferas como uma bola de beisebol até naves com centenas de metros de extensão. É frequente e bastante característico que realizem manobras muito bruscas e em ângulos impossíveis para as aeronaves terrestres.

O que indica que aquilo que estamos observando seja realmente um OVNI são, em síntese, as seguintes características:

- Altera sua velocidade em fração de segundos;
- Altera sua direção de modo muito brusco, em ângulos impossíveis para aeronaves terrestres;
- Pode apresentar mudanças de altitude bruscas e rápidas, sem nenhum deslocamento horizontal;
- Pode realizar paradas bruscas e marchas à ré extremamente rápidas;
- Pode emitir luzes fortíssimas em avistamentos noturnos;
- Varia muito a coloração, indo desde o vermelho incandescente até o branco, com tonalidades e intensidades não compatíveis com aeronaves terrestres.

Uma vez afastadas as características de fenômenos naturais citadas no tópico anterior e identificadas as características mencionadas acima, usualmente aceitas como as de um OVNI verdadeiro, o objeto avistado é, sim, um sério candidato a ter origem extraterrestre. A hipótese alienígena ganha força à medida que se constata a realização, por parte do OVNI, de movimentos incompatíveis com o que se considera possível aqui na Terra.

CONCLUSÃO

Sem dúvida, é algo bastante positivo que mais pessoas estejam atentas aos fenômenos que ocorrem no céu e que a temática dos OVNI se difunda, tornando a hipótese extraterrestre cada vez mais aceitável.

Porém, também é fundamental que essas pessoas tenham conhecimento sobre os diversos fenômenos naturais que podem explicar aquilo que elas acreditaram ser um OVNI. Uma origem alienígena para um objeto avistado só pode ser considerada depois de afastadas todas as explicações naturais. Esse rigor na análise é fundamental, pois somente assim é que se garantirá a seriedade da pesquisa ufológica. Julgamentos precipitados, além do mais, tendem a levar descrédito para as pessoas já inclinadas a duvidar da existência alienígena.

O observador, tanto quanto possível, deve tomar conhecimento e estar atento a uma série de eventos que ocorrem no céu. Há alguns fenômenos meteorológicos que podem ser realmente impressionantes, mas que nem por isso deixam de ser absolutamente naturais. É preciso que o observador busque conhecer os astros que aparecem no céu, sejam os naturais, como os planetas e as estrelas, ou artificiais, como os satélites. Em determinadas situações, afinal, esses astros podem dar a falsa impressão de ser um OVNI.

Entre os objetos realmente “voadores” avistados no céu, é preciso verificar se, na realidade, não são balões, drones, aves e mesmo o simples rastro de um avião, pois, em todos esses casos, naturalmente, não se vislumbra qualquer explicação alienígena para o OVNI. Da mesma forma, fenômenos próprios do momento em que se tira uma foto ou se faz um vídeo, como o surgimento repentino de insetos ou a incidência de reflexos, precisam ser considerados antes de se atestar a legitimidade de um OVNI.

O OVNI “verdadeiro”, aquele cuja origem alienígena pode realmente ser cogitada, possui características próprias, frequentemente sendo capaz de realizar movimentos impossíveis para a nossa realidade, com alterações bruscas de direção, altitude e velocidade, além de emitir luzes muito fortes à noite e apresentar tonalidades de cor igualmente incompatíveis com as aeronaves terrestres. São esses os critérios que devem ser considerados, no momento de se avaliar a autenticidade do objeto voador não identificado.

Um número grande de casos preenche essas características e pode ser, de fato, classificado como um evento potencialmente alienígena. O estudo desse importante fenômeno deve ser tão criterioso quanto possível, pois apenas dessa maneira é que os seus resultados serão confiáveis e a Ufologia poderá, realmente, reivindicar o seu lugar enquanto Ciência. Com o maior conhecimento do público leigo sobre os OVNI, todos sairão ganhando.

O CONTATO DE LONGA DURAÇÃO, OU ELES JÁ ESTÃO ENTRE NÓS

LALLÁ BARRETTO

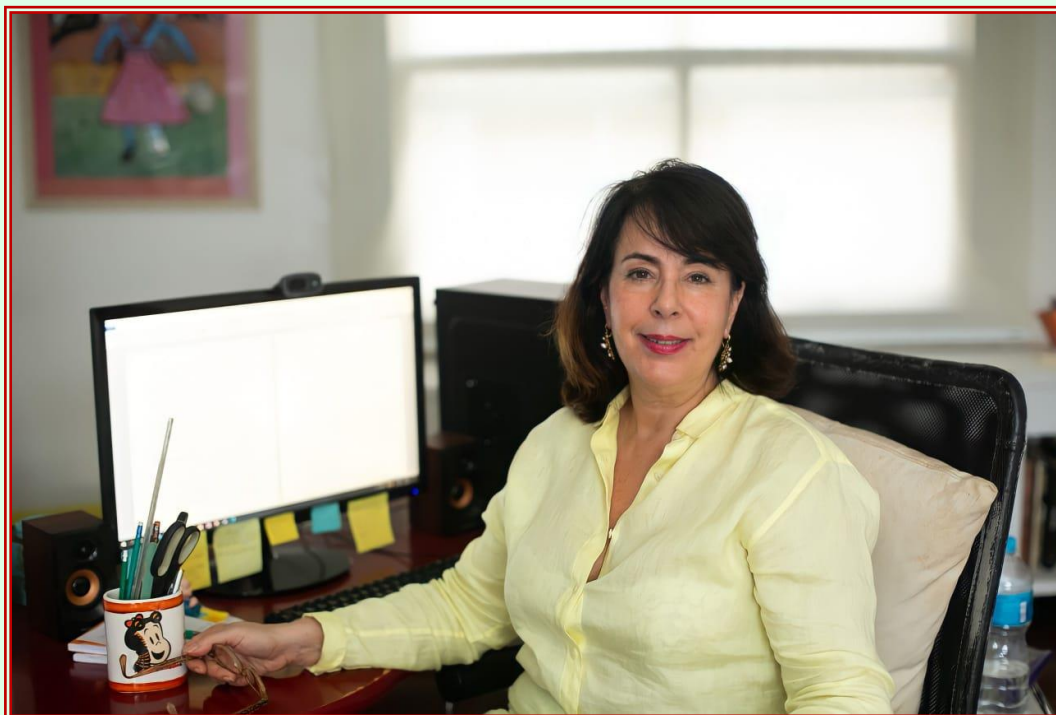
RESUMO

Enquanto a humanidade pensa nos possíveis impactos que serão provocados pela revelação oficial e ostensiva da existência de alienígenas, há razões para acreditar que pelo menos duas espécies distintas de raças extraterrestres já mantêm um contato de longa duração com os terráqueos. Trata-se de espécies humanas que viveriam nos planetas Serpo e Ummo e com as quais a humanidade já interagiria há várias décadas. No caso de Serpo, diversos documentos sustentam que houve um processo de intercâmbio entre os habitantes daquele planeta e os terráqueos, a ponto de 12 pessoas da Terra terem sido enviadas para lá. Já em relação ao planeta Ummo, a interação se deu por meio de intrigantes cartas que teriam sido enviadas pelos próprios alienígenas. Esse material se destacava pelo profundo conhecimento científico, sendo repleto de informações que só mais tarde seriam validadas pela ciência terráquea. Embora ambos os casos tenham sido vítimas de acobertamento e, oficialmente, sejam classificados como fraudes, há elementos suficientes neles para sugerir a veracidade desses contatos, inclusive a partir dos efeitos sociais que eles provocaram. Se o contato com os alienígenas já existe há tanto tempo, convém que a humanidade preste atenção às informações que teriam sido colhidas diretamente em Serpo e transmitidas pelos seres de Ummo.

PALAVRAS-CHAVE

Civilizações alienígenas. Contato extraterrestre. Planeta Serpo. Planeta Ummo.

SOBRE A AUTORA



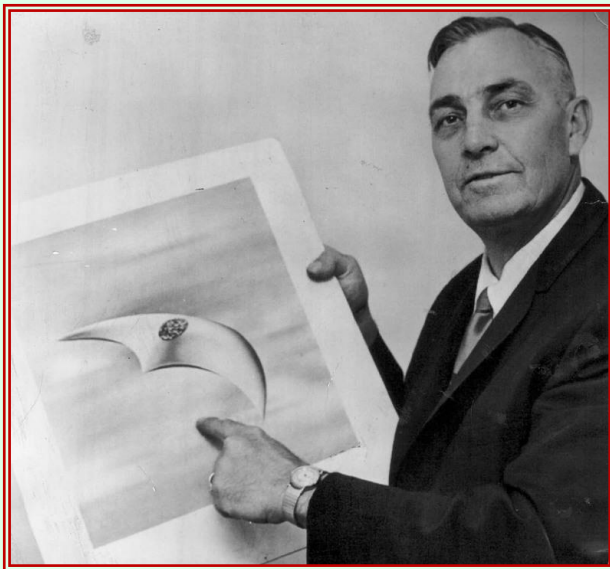
LALLÁ BARRETTO (Maria Luiza Barretto) é ufóloga, antropóloga, psicanalista e escritora. Doutora em Antropologia Psicanalítica pela Universidade Paris 7. Numa vida anterior, bacharelou-se em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e pós-graduou-se em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Mídias e contato:

↗ BLOG: lallabarretto.com

↗ Facebook e YouTube: Lallá Barretto Pesquisas Ufológicas

↗ E-mail: pesquisadoralallabarretto@gmail.com



Kenneth Arnold (1915-1984)

The Seattle Times

Foi com uma exibição de nove naves com tecnologia avançada e desconhecida, observadas por Kenneth Arnold em 24 de junho de 1947, que supostos extraterrestres deram início ao que se convencionou chamar de *Era moderna dos Discos Voadores*.

Desde então, o sentimento de que o contato com as inteligências que nos visitam é iminente e avassalador tem acompanhado os sobressaltos e percalços da humanidade em contato com a realidade ufológica. Quando pensamos em contato oficial, pensamos em contato entre nós e outra espécie criadora de civilização. Porém, hoje temos como muito provável que numerosas e diferentes civilizações visitam nosso planeta. Todo esse povo cósmico entrará em contato, cada um ao seu tempo, ou há alguma agenda em comum, nos moldes de uma federação galáctica?

Se examinarmos a casuística ufológica, somos obrigadas a nos perguntar se o contato com outra espécie extraplanetária inteligente poderia ser feito de repente, com a descida de uma nave na Casa Branca, por exemplo, ou outro cenário imaginado pela ficção científica.

A estranheza traumática que o contato com essa outra realidade impõe revela as incomensuráveis diferenças de evolução biológica, científica, tecnológica e cultural, evidenciadas pelos relatos de testemunhas.

Demonstram que o contato efetivo só seria possível, sem correremos o risco de desaparecermos nesse impacto, dentro de um contexto evolutivo de mútuo conhecimento de duas humanidades, onde as diferenças seriam lentamente compreendidas e assimiladas, promovendo a aceitação do que deverá muitas vezes revelar-se como radicalmente diferente.

O estabelecimento do contato durante um longo período de tempo estaria também mais conforme os engajamentos éticos, que algumas inteligências afirmam ser uma lei universal de não interferência no curso evolutivo dos planetas visitados. Essa lei universal, se ela existe de fato, nos obriga a pensar no contato de longa duração, um tempo necessário para a transmissão de conhecimento entre espécies e civilizações diferentes.

Temos algumas razões para pensar que talvez esse contato de longa duração já venha acontecendo, com pelo menos duas civilizações cósmicas, desde a década de 1960. Vamos colocá-los em relevo por terem características gerais comuns: o Projeto Serpo de Intercâmbio (1947-1978; 2005-2016) e o contato com o Planeta Umno (1966-2015) são duas formas diferentes de supostos contatos alienígenas de longa duração, pois continuam ativos e dinâmicos, causando efeitos sociais de alcance planetário nos dias atuais. Dois alegados contatos que têm ainda em comum o fato de terem sido declarados fraudes monumentais, estatuto que conservam até hoje para o grande público.

O Projeto Serpo de Intercâmbio já nasceu acobertado, por ser uma iniciativa secreta do governo dos Estados Unidos. O caso Umno sofreu, por sua vez, a recorrente e eficaz estratégia do acobertamento: Jordan Peña, um dos principais contatados, declarou ser o autor do contato, embora a impossibilidade prática de uma única autoria para informações científicas tão extensas, detalhadas e complexas permaneça comprovada.

Mas o estatuto de fraude não foi o suficiente para relegar esses eventos ao esquecimento, pois interpelaram o desejo de saber de todo tipo de gente ao redor do mundo, gerando efeitos sociais de alcance planetário, na formação de redes sociais, de grupos de discussão, incluindo a discussão científica de alto nível, e promovendo avanços nos questionamentos e perspectivas da nossa própria ciência e do conhecimento ufológico.

Abordaremos cada caso a partir da perspectiva que queremos desenvolver neste artigo, de como se estabeleceram esses contatos de longa duração, considerando os efeitos sociais como indicadores ou da sua realidade ou da ação de alguma instância terrestre interessada em passar conhecimento sobre outras espécies inteligentes, reais ou imaginárias, talvez as duas coisas combinadas e concertadas. Entre realidade, ficção e acobertamento, temos documentado ao longo dos anos numerosas formas de contato que sugerem uma crescente tomada de consciência por nós humanos da realidade extraterrestre.

O contato detalhado com duas espécies humanas diferentes, uma originária do planeta Serpo, a outra do planeta Ummo, seria estarrecedor e inimaginável se os documentos gerados não levantassem suspeitas sobre a sua realidade, ou não fossem creditados pela nossa ciência terráquea. Primeiramente, esses contatos que já se estabeleceram, se tiverem alguma realidade, provariam a existência de pelo menos duas raças extraterrestres, promovendo dois modos diferentes de contato com a nossa espécie. Qual o interesse disso, se não temos como comprovar a origem extraterrestre dos contatos e, portanto, a real existência dessas espécies alienígenas?

Somos obrigadas então a supor que pessoas ou grupos de terráqueos produziram esses documentos. Expressariam assim, necessariamente, a trama do imaginário e do simbólico humano forjando uma realidade ufológica que se situaria no campo das invenções e formações da mente. A implicação das formações mentais é certamente um dos aspectos do fenômeno UFO, mas não se formam a partir de nada, e sim como consequência de experiências que deixaram vestígios e sequelas reais e documentadas em milhares de pessoas ao redor do mundo. E o fenômeno UFO é hoje comprovadamente físico. Compreender o humano e suas formações mentais é, por si só, uma razão antropológica para nos debruçarmos sobre os informes do Projeto Serpo de Intercâmbio e as cartas do Planeta Ummo.

Mas partimos nós da razão ufológica, da hipótese extraterrestre, que nos leva a considerar e a explorar a possibilidade desses documentos serem autênticas formas de comunicação de civilizações extraterrestres com a nossa espécie. Assim, podemos apreender as zonas de estranheza, de incompreensão, das diferenças mentais que dificultam a transmissão de conceitos filosóficos e científicos fundamentais, além de uma infinidade de diferenças e pontos em comum, acostumando-nos, ao longo da leitura desses documentos de contato, à existência de outras formas de vida e inteligência humanas.

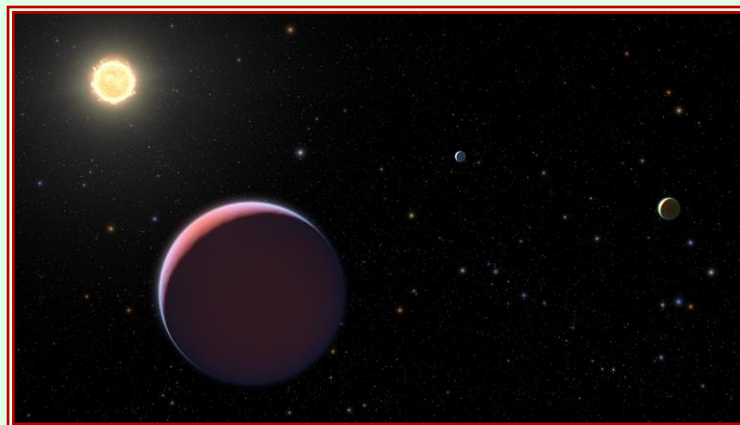


Ilustração do Sistema Kepler 51

O PROJETO SERPO DE INTERCÂMBIO

O Projeto Serpo de Intercâmbio foi uma das consequências inacreditáveis do já inacreditável acidente envolvendo UFOs em Roswell. Como ficamos sabendo desse inusitado projeto ultrassecreto do governo dos EUA, que ocorreu entre 1965 e 1978? Alguém que se intitula *Anônimo* e se apresenta como alto funcionário aposentado da Agência de Inteligência de Defesa dos EUA (DIA) começou a publicar, em 2005, as informações do alegado intercâmbio extraterrestre. Esses informes são extraídos de um documento ultrassecreto de três mil páginas que resultou da missão. Anônimo reporta o conteúdo desse documento, que expressa a visão e a compreensão que a equipe terráquea teve de sua experiência com outra espécie humana em outro planeta.

Anônimo esclarece fazer parte de um grupo de seis funcionários do DIA, sendo três funcionários atuais e três ex-funcionários.

Em julho de 1947, um mês apenas após a abertura da *Era moderna dos discos voadores*, um UFO teria se acidentado em Roswell, num dos casos mais emblemáticos da Ufologia mundial. Anônimo nos informa que na verdade foram dois acidentes, um em Corona e o outro em Pelona Peak, envolvendo duas naves extraterrestres. O acidente de Corona foi descoberto um dia depois por uma equipe de arqueólogos. Um Ebe (entidade biológica extraterrestre) foi encontrado vivo, escondido atrás de uma pedra (embora a sigla EBE obrigasse a utilização do gênero feminino, essas entidades acabaram sendo assimiladas à raça extraterrestre assim denominada, passando a designar todos os habitantes do planeta Serpo e sua civilização).

Esse ser, que passou a ser chamado de Ebe 1, tomou água, mas recusou comida. Outros dois Ebes foram encontrados mortos. Após exame do local, todas as evidências foram retiradas. Ebe 1 e os corpos de seus companheiros encontrados mortos foram transferidos para Los Alamos.

Ebe 1 estabeleceu comunicação com seus anfitriões de Los Alamos e forneceu a localização de seu planeta de origem. Esteve entre nós até sua morte em 1952, tempo suficiente para fazer uma explanação completa de tudo o que foi encontrado dentro de cada uma das duas naves. Um dos objetos encontrados foi um dispositivo de comunicação, através do qual Ebe 1 foi autorizado a se comunicar com seu planeta.

Anônimo continua informando que foi marcada uma reunião para Abril de 1964 perto de Alamogordo, no Novo México. Os alienígenas teriam aterrissado e recuperado os corpos dos Ebes mortos no acidente e informações foram trocadas em inglês, através do mencionado dispositivo de tradução.

Vejam os o resumo de Anônimo para essa incrível aventura: *“Em 1965, tivemos um programa de intercâmbio com os aliens. Seleccionamos cuidadosamente 12 militares; dez homens e duas mulheres. Eles foram treinados, testados e cuidadosamente removidos do sistema militar. Os 12 eram qualificados em várias especialidades. Perto da parte norte do Nevada Test Site, os aliens aterrissaram e os 12 americanos partiram. Uma entidade foi deixada na Terra. O plano original era para que nossas 12 pessoas ficassem 10 anos e então retornassem à Terra”*. Serpo encontra-se há 38,43 anos-luz da Terra, possui duas luas, e situa-se no sistema estelar binário Zeta Reticuli 1 e 2, possuindo dois sóis, orbitando com mais seis planetas a estrela Zeta Reticuli 1.

É um planeta um pouco menor do que a Terra, possuindo atmosfera semelhante. A temperatura em Serpo varia entre 43° e 126°, a temperatura mais alta estando no limite do que o corpo humano pode suportar.

SERPO E OS EBES

A equipe levou nove meses para chegar a Serpo, numa viagem a bordo de uma nave Ebe em que todos ficaram frequentemente doentes, sofreram tonturas e desorientação, como se estivessem em estado onírico. Vale a pena ler no informe 12, em www.serpo.org, a interessantíssima descrição dessa viagem. Anônimo publica um extrato do diário de bordo do comandante da missão, descrevendo a chegada a Serpo: *“Descemos a rampa. Grande número de ebes esperando por nós. Vemos um grande ebe, o maior que já vimos. Ele se adianta e começa a falar conosco. (...) Mas somos levados a uma arena aberta. Parece um campo de desfile. O chão é de terra. Olhando para cima, vejo um céu azul. O céu está muito claro. Vemos dois sóis. Um mais brilhante que o outro. A paisagem parece um deserto, Arizona ou Novo México.*

Nenhuma vegetação que possamos ver. Existem colinas onduladas, mas nada além de terra. (...) Mas um grande número de ebes está nos dando as boas vindas. Eles parecem amigáveis”.

Logo nas primeiras impressões do planeta, o comandante relata um artefato tecnológico que voltará a ser comentado e reproduzido em desenho no diário e que tem a ver com a passagem do tempo, talvez um dos maiores problemas que confrontou a adaptação dos terráqueos a esse mundo alienígena.

A equipe logo se deu conta de que os relógios trazidos da Terra não funcionaram nem dentro da nave, durante a viagem, nem em Serpo. Perderam progressivamente a noção do tempo, que não puderam regular com o tempo Ebe, pois descobriram uma percepção diferente do tempo, não em horas, mas em períodos, sem a marcação dia/noite, já que em Serpo nunca anoitece realmente, escurece apenas, pela presença dos dois sóis. Uma enorme torre encimada por um espelho foi a primeira estranheza tecnológica a chamar a atenção terráquea ao desembarcar no planeta. Essa torre revelou-se ser o que entenderam como um artefato de medição de períodos que regulam as atividades dos Ebes:

“Então ouvimos inglês. Nós nos viramos e encontramos Ebe2 parada ali. De onde ela veio? Eu perguntei a ela se poderíamos explorar este edifício. Ela disse que sim, é claro. Ela aponta para a sala de vidro e diz para subir. Ok, entramos na sala de vidro. A porta de vidro se fecha e sobe bem rápido. Em nenhum momento estamos no topo. Mas o que é isso? Perguntamos ao Ebe2 o que é isso. Ela aponta para o sol e depois para o topo da sala, onde o espelho está localizado. Ela então aponta para o chão. Ok, nós vemos isso. A torre está no meio de um círculo. O círculo está situado no solo. Em cada quadrante do círculo há um símbolo.

Vejo que o sol é direcionado através do espelho, talvez este não seja um espelho como o conhecemos, pois a luz do sol viaja através dele, mas, uma vez que a luz do sol viaja através dele, a luz é direcionada para um símbolo dentro do círculo. Ebe2 diz que, quando a luz entra em contato com o símbolo, os Ebes fazem a mudança. Não tenho certeza do que isso significa. Talvez ela queira dizer que diz aos Ebes o que fazer. 225 parece pensar que é um mostrador solar. Quando o sol atinge um símbolo, os Ebes mudam o que estão fazendo e fazem outra coisa. Talvez o dia Ebe esteja estruturado. Ou talvez este seja o relógio deles. Estranho. Mas estamos em um planeta estranho. Estou feliz por ainda ter meu senso de humor”.

Os Ebes ocupam apenas uma pequena parte de seu planeta, com cem aldeias ou locais de moradia. Extraem minerais em áreas remotas e têm um grande polo industrial no sul do planeta, situado perto de uma fonte de água, sugerindo à equipe algum tipo de hidrelétrica. No elenco das estranhezas encontradas no planeta Serpo, algo desconhecido e nunca compreendido pela equipe foi um tipo diferente de sistema elétrico e de propulsão, que entrava no vácuo e extraía dele uma enorme quantidade de energia. A equipe estimou o QI médio dos Ebes em 165.

A civilização Ebe é estável e estruturada, possuindo na época uma população de apenas 650.000 indivíduos. Cada ser masculino tem uma companheira feminina, reproduzem-se mais ou menos da mesma maneira sexual que os terráqueos, mas as famílias têm um máximo de dois filhos, não ficando claro se essa é uma limitação da espécie ou um planejamento social. A equipe teve a oportunidade de observar que as crianças Ebes *“amadurecem em um ritmo alarmante”*. A vida de uma família Ebe é simples.

Vivem em pequenas casas de quatro cômodos: um de dormir, onde toda a família dorme em esteiras, o segundo para a preparação de alimentos, o terceiro é o cômodo da família e um pequeno cômodo para os resíduos.

A alimentação foi um problema para a equipe terráquea. Apesar das rações militares que levaram, muitas vezes tiveram que consumir a alimentação Ebe, que é bastante variada. Cultivam vegetais e itens parecidos com batatas, mas de gosto diferente. Os únicos itens semelhantes aos nossos eram tipos de alface, nabo e tomates.

Tinham um estranho vegetal de forma redonda com videiras compridas: os Ebes cozinham as videiras e comem crua grande parte da planta. Bebem também um líquido branco, diferente do leite tanto no sabor quanto na composição. Esse líquido é extraído de uma pequena árvore do norte do planeta. Os Ebes ordenham literalmente essa árvore e parecem tirar algum tipo de prazer na bebida. A equipe nunca conseguiu gostar desse líquido. Os Ebes fazem grandes panelas de ensopado, bem insípido para o gosto dos membros da equipe. Assam também uma espécie de pão, que causou grande constipação. As frutas são a única comida apreciada tanto por Ebes quanto por terráqueos. Os Ebes consomem grande quantidade de frutas que, apesar de serem diferentes de tudo o que conhecemos, são doces, algumas com gosto de melão ou de maçã. A água também teve que ser fervida para consumo terráqueo, por conter química desconhecida. Chamou a atenção da equipe o fato do corpo dos Ebes parecer aproveitar muito bem os alimentos, produzindo muito poucos resíduos, os quais equivalem à matéria fecal de um gato.

A equipe não observou sinais de envelhecimento nos Ebes, sendo por isso muito difícil avaliar a idade dos indivíduos.

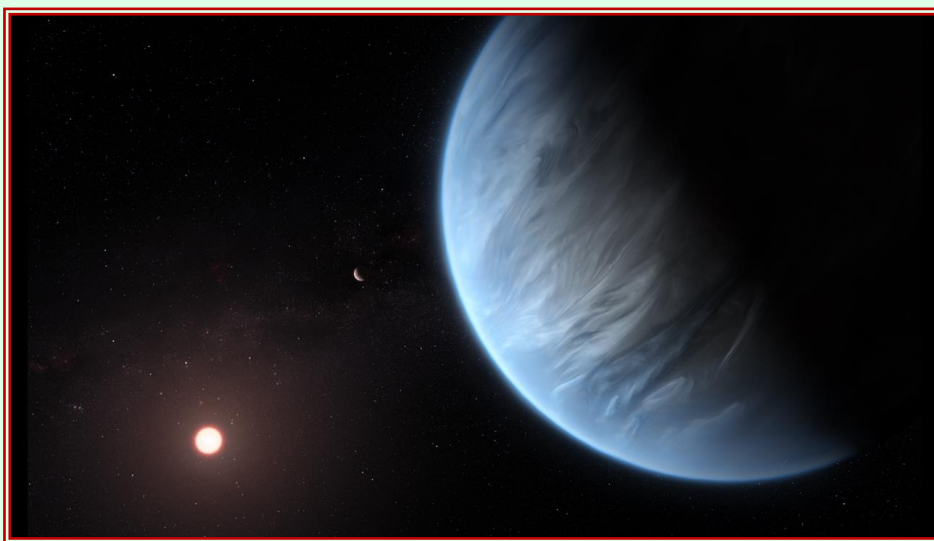
Mas eles morrem e a equipe observou tristeza em seus olhos por ocasião da morte dos seus, que foram observadas por acidente ou causas naturais. Os Ebes também enterram seus mortos de maneira ritual. Os Ebes foram considerados dóceis e amigáveis pela equipe.

Em 1978, a equipe voltou à Terra: dois morreram e dois decidiram permanecer no planeta. Dos oito que voltaram, todos já morreram, tendo o último sobrevivente morrido em 2002.

Vimos acima apenas uma pequena amostra do conteúdo das publicações de serpo.org e do interesse potencial das informações divulgadas.

O CASO UMMO

Dentre os grandes casos registrados pela Ufologia mundial, o contato com o suposto planeta *Ummo* é único e permanece ativo e inexplicado. O caso Ummo começa na Espanha, com um polêmico personagem chamado Fernando Sesma Manzano, que declarava estar em contato com diversas etnias extraterrestres e extradimensionais, recebendo mensagens telepáticas. Em 1966, Sesma atendeu ao telefonema de uma voz estranha, que se identificava como DEI98, dizendo ser proveniente do planeta Ummo, situado há 14,4 anos-luz da Terra. Tornou-se assim o primeiro interlocutor privilegiado dos *ummitas*, *ummanos*, oriundos de outro sistema estelar, recebendo pelo correio centenas de cartas datilografadas, contendo informações, em linguagem científica, sobre todos os campos do saber, relativas à outra espécie e civilização humana. Quarenta outros destinatários receberam as cartas ummitas entre 1966 e 1980, ampliando o contato por outros países da Europa e da América do Norte.



Concepção artística do Exoplaneta K2-18B

É a primeira e única vez em que supostos extraterrestres fazem contato escrito, através de cartas datilografadas em diversos idiomas do nosso planeta, como espanhol e francês, as quais iniciaram o contato, endereçadas a diferentes destinatários terráqueos. A riqueza de informações contidas nessas cartas suscitou o interesse e curiosidade de milhares de pessoas no mundo, que estudam de maneira metódica os documentos disponíveis na internet no site www.ummo-ciencias.org. Estabeleceu-se um contato de longa duração, iniciado em 1966 com a difusão das cartas e comunicações telefônicas, sendo de 2015 a última carta catalogada pelo site, e em 2012 o Twitter é acrescentado como forma complementar de comunicação. Essa variedade de meios de comunicação, que acompanha o nosso próprio avanço tecnológico, evidencia uma difusão ampla e orgânica do contato nos dias atuais, desde as cartas datilografadas que começaram a receber os primeiros contatados pelos ummitas.

A atividade de fazer conhecer sua civilização através das cartas foi dinâmica e é dela que resultam todas as amplas informações sobre a psicobiologia, física, química, matemática, geologia, geografia, astronomia, cosmologia, história, sociologia, religião, filosofia, metafísica, tecnologia e vida social no planeta Ummo, constituindo um corpus documental de contato alegadamente extraterrestre que nunca pôde ser desmentido como tal, apesar de ter sofrido as consequências eficazes do acobertamento, notadamente durante o período da Guerra Fria, conservando até hoje o estatuto de fraude.

Mas como os ummitas souberam da nossa existência e vieram parar aqui? Como nos descobriram perdidos na imensidão do universo? Dizem eles que, em 1934, uma missão do Instituto Geográfico de Bergen, na Terra Nova, fazia experimentos para testar a possibilidade de usar a ionosfera como refletora para comunicação de rádio a longa distância.

Uma das mensagens em código Morse teria escapado da ionosfera, ganhando livremente o espaço, sendo detectada no planeta Ummo.

Uma vez a Terra localizada, os ummitas explicam que uma dobra hiperespacial, propagando-se no longo período de tempo que vai de 1943 a 1978, permitiu a viagem até nosso planeta, oportunidade também aproveitada por outras civilizações da nossa galáxia. É interessante lembrar que esse período da dobra hiperespacial indicado pelos ummitas abrange o início da Era Moderna dos Discos Voadores, passando pelo acidente Ebe em Roswell e indo até o final da Operação Prato, em 1978.

Aí você vai ler as 1.400 cartas que constituem esse corpus documental. E começa a se perguntar quem poderia estar por trás de uma montagem, tão detalhada e em linguagem científica, de todos os aspectos de uma civilização humana inteligente e extraplanetária. O nível de coerência interna dos textos é notável, ainda que a leitura das cartas seja dificultada pela estranheza que causa conhecer uma espécie alienígena, cuja primeira diferença evidente, do ponto de vista antropológico, é o fato de ser biologicamente gregária, onde o indivíduo só se reconhece como tal referenciado ao grupo ou algo assim difícil de entender para a nossa espécie, biologicamente individualista, sempre em dificuldades para promover a vida coletiva.

UMMO E OS UMMITAS

O planeta Ummo orbita uma estrela anã vermelha que chamam IUMMA. Ummo é um pouco maior do que a Terra, medindo 14.502 Km. Os dias em Ummo duram aproximadamente 31 horas terrestres. Existe apenas um continente no planeta, cheio de lagos.

O oceano ocupa 62% da superfície do planeta. A órbita circular de Ummo em torno de IUMMA leva a uma indiferenciação das estações do ano. Ummo tem uma atmosfera mais densa do que a Terra que filtra os raios cósmicos responsáveis pelas mudanças genéticas. Os ummitas desenvolveram assim uma única etnia e o planeta possui menos diversidade de vida do que a Terra. O único continente de Ummo é assolado por ventos constantes, e a temperatura do planeta é semelhante à dos países nórdicos.

Na Carta D41-3, podemos ter a medida da estranheza que sentiria um humano terrestre em visita a esse mundo alienígena: *“Nossas noites são intensamente escuras. Não podemos apreciar, como os terrestres, aquele espetáculo maravilhoso (que vocês esquecem submergidos naqueles monstros de asfalto, concreto e aço das grandes metrópoles) do satélite lunar. As estrelas que contemplamos também parecem muito nítidas quando a abóboda celeste está limpa de concentrações nebulosas. Em vez disso, são muito mais frequentes do que no planeta Terra, mesmo em latitudes equatoriais, o que chamamos de UULIBOOA (equivalente às luzes nórdicas). Então o céu assume uma aparência impressionante. Longas fitas verdes e roxas parecem suspensas horizontalmente em várias alturas (quando a latitude é maior, as fitas mostram maior verticalidade). No horizonte, o cromatismo verde ou magenta fica amarelo pálido ou levemente laranja”*.

Ummo formou-se há 9 bilhões de anos, contra 4,5 bilhões de anos da Terra. Os ummitas passaram do estado animal para o estado de ummanos produtores de civilização quando suas células entraram em ressonância com um superorganismo, BUAABEEI, na extravagante língua ummita, “alma coletiva” ou estrutura psíquica planetária, à qual cada “alma individual” estaria conectada graças ao cristal de criptonita presente em cada célula e a uma estrutura situada no hipotálamo humano.

O longo período evolutivo da espécie ummita resultou na duplicação de todas as capacidades cerebrais comuns a todas as espécies humanas no Cosmos, pois nas cartas reafirmam o que já sabemos, que a natureza segue leis e que uma delas é a lei da ortogênese, pela qual a inteligência toma obrigatoriamente forma humana, onde quer que apareça no universo.

A duplicação das capacidades cerebrais se reflete na linguagem, capaz de transmitir, pela repetição de vocábulos, duas ordens de pensamento diferentes, simultaneamente. Assim, há uma incomensurável diferença entre o pensamento lógico ummita e o nosso. Enquanto nossa lógica só admite que uma proposição exista ou não exista, que seja, portanto verdadeira ou falsa, a lógica ummita trabalha com potencialidades, uma proposição podendo existir e não existir, ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo.

A morfologia ummita é tão parecida com a nossa que passam despercebidos por aqui, sendo altos, louros, de pele clara, lembrando os nórdicos terrestres. A psicobiologia ummita é incompatível com a nossa, sendo impossível a produção de híbridos de nossas duas espécies.

A sexualidade ummita (Carta D41-13) é condicionada pela estrutura fisiológica, que é pouco diferente da nossa. Todos os “mecanismos endócrinos que regulam a corrente hormonal” têm idêntica morfologia, com pequenas diferenças no caso da mulher, resultante das diferenças ambientais, como as oscilações térmicas, pressão atmosférica muito irregular, pesos diferentes para a mesma massa, devido a uma aceleração mais alta da gravidade.

A maior autoridade na família ummita é o homem, que nunca é discutida. Vamos ler o que nos dizem na Carta js388, 1988: “*A YEE (mulher) se submete inteiramente a seu esposo.*”

Não há em Ummo esse tipo de casal do Planeta Terra, onde a autoridade do homem é apenas nominal. Ao contrário, as tendências masoquistas da mulher de Ummo são mais fortes que nas mulheres da Terra”. Quando meninas e meninos atingem o que chamam de “maturidade mental”, começa um intenso trabalho sócio-psíquico-educativo, que consiste na formação sexual dos jovens ummitas.

A maioria dos ummitas perde a capacidade de expressão oral na puberdade, causada por uma atrofia dos órgãos fonatórios, e passam a desenvolver a telepatia durante um longo aprendizado. Essa capacidade telepática só funciona, porém, entre ummanos que tenham afinidades e empatia entre si. A telepatia ummita não funciona com desconhecidos.

São tantos os detalhes sobre o planeta Ummo e a vida ummita que vamos nos contentar com a evocação de apenas alguns aspectos que nos pareceram diferentes dessa interessante civilização.

Muito ao contrário dos terráqueos, os ummitas declaram que sua evolução artística é praticamente nula, notadamente no que diz respeito à música. Declaram que a música na Terra seja talvez a mais expressiva e altamente desenvolvida que encontraram dentre as civilizações cósmicas que conhecem.

O conhecimento da psicobiologia regula todos os hábitos e costumes no planeta. Assim, vemos que a principal refeição do dia é matinal e começa por alguns minutos de silêncio. Todos os membros da família fecham os olhos e procuram trazer à mente lembranças agradáveis, criando um ambiente de paz e de saudável alegria, indispensável para o organismo humano. Trata-se de um imperativo psicossomático, porque consideram que as alterações emocionais negativas, como os estados de ansiedade, de terror ou de medo, as tristezas e preocupações inibem a segregação normal dos sucos digestivos, provocando sérias perturbações.

Esse é um exemplo do pragmatismo dos ummitas, que, por conhecerem sua própria psicobiologia, tornaram-se capazes de se guiar por ela para evoluir enquanto espécie.

A sensibilidade olfativa dos ummitas é extremamente desenvolvida. Misturar essências aromáticas é uma atividade muito antiga no planeta, as mulheres sendo superiores aos homens no exercício dessa atividade, elevada ao nível de arte, tal a sutileza das misturas. Uma mulher boa misturadora de essências nunca produzirá o mesmo perfume. De maneira pouco politicamente correta para os padrões terráqueos, dizem que uma mulher inteligente nunca é boa misturadora e vice-versa! A arte de misturar essências tem seus festivais públicos, onde se fazem misturas espetaculares de essências, nas quais as nuances aromáticas se sucedem com um estilo embriagador e normas estéticas rigorosas (Carta d41, 1966).

OS UMMITAS E A CIÊNCIA

A ciência apresentada nas cartas é a maneira mais confiável de avaliarmos a realidade extraterrestre da comunicação: existe uma racionalidade científica nas informações que as cartas transmitem ou a linguagem empregada é fantasiosa, apenas aparentemente científica, creditando a tese de fraude?

Dois fatores têm incidência direta no modo de transmissão da ciência ummita e interferem também na comprovação científica de suas teorias: o cuidado em inserir incompreensões e desinformações para impedir o desenvolvimento prematuro e a conseqüente má utilização de certos conhecimentos transmitidos. Segundo as cartas, todas essas informações devem ser assimiladas ao longo do tempo e os ummitas não perdem a oportunidade de apontar a impaciência do humano terráqueo, que acredita poder adquirir conceitos complexos de uma civilização muito mais avançada num curto espaço de tempo.

Os conhecimentos utilizáveis transmitidos pelos ummitas parecem estar apenas uns cem anos mais avançados do que os nossos conhecimentos científicos atuais. O que nos leva a pensar que nos transmitiram uma espécie de bê-á-bá dos conceitos básicos de sua avançada ciência e civilização. Afirmam que as diferenças de linguagem são o maior obstáculo para transmissão de conceitos e demonstrações técnico-científicas.

Para ter uma ideia da credibilidade científica da ciência ummita, vamos reproduzir aqui a avaliação recente feita por Christel Serval, sob o pseudônimo de Stone Gardenteapot (Stone Gardenteapot, *Ummita, l'avertissement*. Atlantes Editions, Paris, 2016). Segundo ele os ummitas revelam em 1966:

Que superestimamos a idade do universo, informação avançada em trinta anos sobre o nosso conhecimento da época;

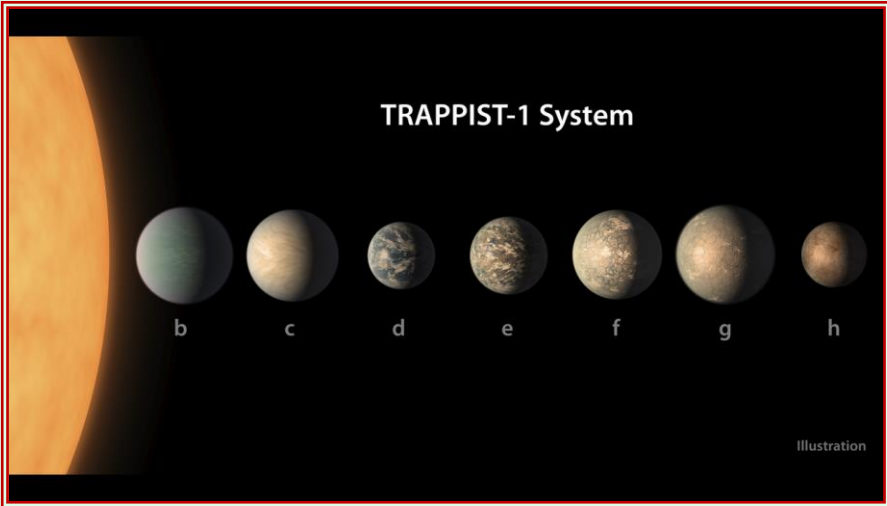
Que grande parte da matéria e da energia do universo é desconhecida e induz a efeitos gravitacionais colossais. Essa afirmação seria assimilada e validada pela ciência terrestre no final dos anos 80, mais ou menos uns quinze anos depois da carta ummita;

Que, contrariamente ao que nossa ciência deduzia de nossas observações em 1966, os primeiros instantes do universo foram de expansão gigantesca. Foram necessários 13 anos para que os problemas da teoria do *Big Bang* fossem evidenciados e 48 anos para a emergência de novos instrumentos que permitiram a verificação dessa afirmação;

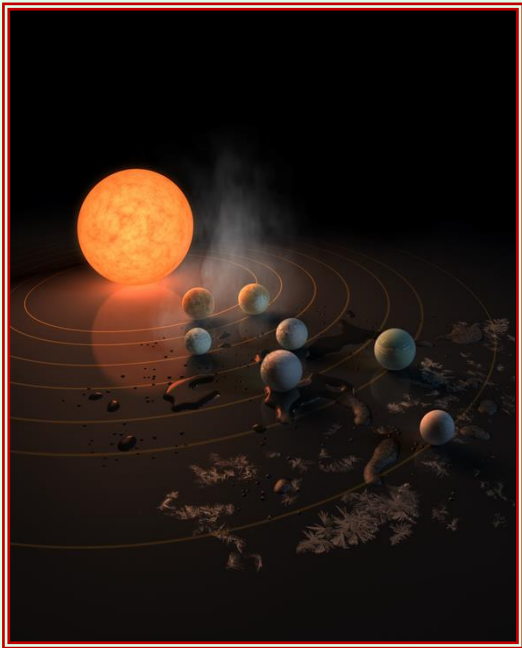
Que a expansão do universo, ao contrário do que a ciência terráquea postulava em 1966, não é constante. Esse dado foi verificado 33 anos depois;

Que não apenas a expansão do universo não é constante, mas que evolui segundo uma função periódica não sinusoidal. Esse anúncio, totalmente absurdo em 1966, foi retomado por uma publicação de 2015, ou seja, quase meio século depois da comunicação ummita, com o estudo detalhado do imenso banco de dados recolhidos pelo satélite Planck.

Outra informação ummita está prestes a ser validada pela nossa ciência. Em 1966, os ummitas falam de biologia molecular, afirmando a presença de cadeias de Krypton em todas as células dos seres vivos, que desempenham papel fundamental na evolução das espécies e na interação do ser humano com o universo.



Sistema Trappist-1



Sistema Trappist-1



JEAN-PIERRE PETIT E A CIÊNCIA UMMITA

O físico mundialmente reconhecido Jean-Pierre Petit é um dos destinatários franceses das cartas que não soube resistir ao seu apelo, declarando que “os documentos Ummo não têm equivalente nessa constelação de mensagens e de documentos ligados ao fenômeno óvni porque eles têm a cor da ciência e empregam a sua linguagem. Prestam-se então a uma análise científica”. Essa possibilidade torna-se também a oportunidade de comprovar a autenticidade dos documentos.

Jean-Pierre Petit tomou conhecimento das Cartas em 1975, através de um amigo astrônomo. A linguagem científica e técnica dos textos ummitas intrigaram o cientista, que reuniu quase mil páginas que tratam “*praticamente de todos os assuntos, da informática à estrutura do cosmos, passando pela mecânica dos fluidos*”. Meses depois, já punha mãos à obra para testar a ciência que se apresentava mediante experiências e cálculos.

No final de 1975, publicou os primeiros resultados no relatório da Academia de Ciências de Paris, no qual descreveu um engenho que chamou de “*aerodyne MHD*”, que se movia criando um vácuo através de forças magnéticas.

Esse engenho, extraído da ciência ummita, nunca foi contestado pelos cientistas da academia de ciências da França. Em 1977, escreveu mais dois artigos em que propôs a hipótese dos universos gêmeos com direções contrárias de tempo, teoria que vem sendo validada pela ciência contemporânea.

Antes de saber se as cartas são de origem extraterrestre, Jean-Pierre Petit considera as cartas ummitas uma “formidável máquina de pensar”. Muitos cientistas estudaram as cartas, mas o físico francês Jean-Pierre Petit foi o único a arriscar sua carreira científica, apresentando à apreciação de seus pares, na prestigiosa revista da Academia de Ciências da França, o que vinha descobrindo através de experiências sugeridas pela ciência ummita.

Em 1991, resolveu revelar a fonte inspiradora de suas descobertas com a publicação de um livro que teve grande impacto midiático e lhe rendeu uma convocação para prestar explicações à mais alta instância de pesquisa científica de seu país, o Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). De maneira surpreendente, por envolver a ciência oficial numa casuística ufológica, seu trabalho mereceu a aprovação do CNRS, que o engajou, porém, a falar sempre em seu próprio nome e não em nome da instituição.

REALIDADE, FICÇÃO E ACOBERTAMENTO

Entre realidade, ficção e acobertamento, tanto os documentos de Serpo quanto os de Ummo apresentam incongruências quanto à localização de seus sistemas estelares de origem. Seria uma coincidência essa imprecisão, que levanta suspeita sobre erros de cálculo e inconsistência científica, para descreditar a origem extraterrestre dos conhecimentos transmitidos?

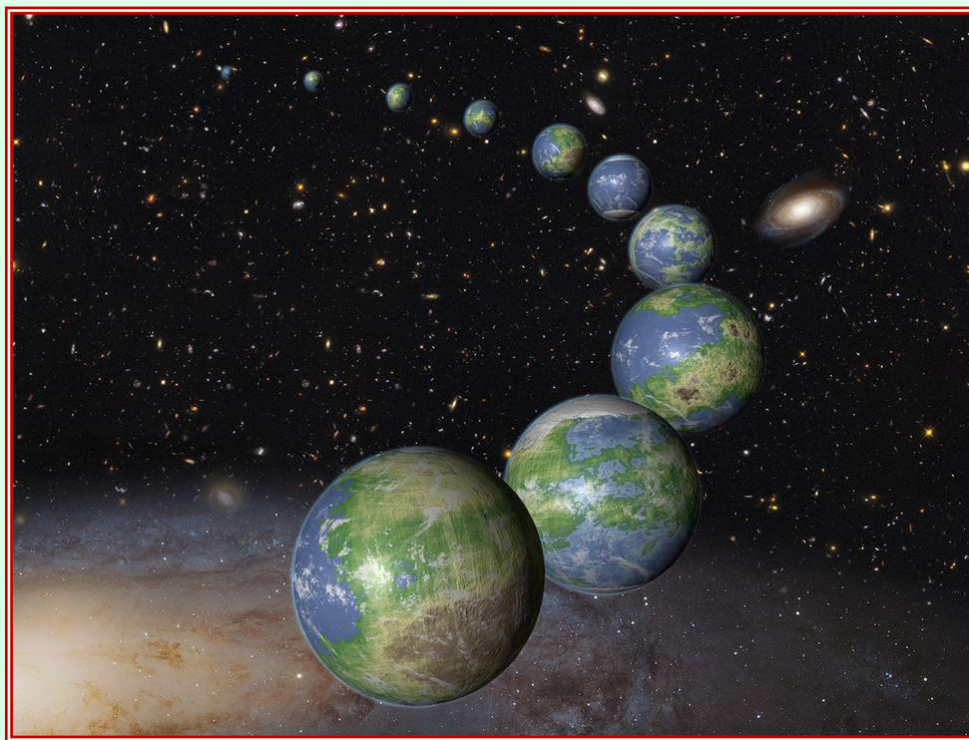
A localização do planeta Serpo nos informes é um dos problemas em que se articulam verdade científica e acobertamento, creditando e descreditando ao mesmo tempo a realidade do contato.

Vamos aos efeitos sociais, examinando a discussão em www.serpo.org sobre a origem dos Ebes no sistema binário Zeta Reticuli, identificado pela observação astronômica como um sistema binário distante, onde as duas estrelas estão separadas por 350 bilhões de milhas. Da perspectiva de um planeta orbitando Zeta Reticuli 1, Zeta Reticuli 2 apareceria como um ponto brilhante no céu. Porém, tanto as informações astronômicas avançadas por Anônimo quanto o próprio informe extraído da missão indicam um sistema binário próximo. Diz o informe que *“o brilho dos sóis do planeta EBEN também causou problemas. Apesar de terem óculos escuros, ainda assim sofreram com o brilho da luz solar e o perigo da exposição ao sol. Os níveis de radiação do planeta eram um pouco maiores do que na Terra. Cobriram cuidadosamente seus corpos o tempo inteiro”*. O comentarista conclui sua análise sugerindo uma exibição confusa de uma realidade extraterrestre para fins de acobertamento: *“Se Serpo existe e seu sistema estelar for de fato um binário próximo, ou as observações astronômicas atuais estão erradas, ou o sistema estelar não é de todo Zeta Reticuli.*

Se a última proposição for verdade, existe todo tipo de razão plausível para essa ofuscação. Foi sugerido que os conhecidos Grays – que curiosamente o Anonymous afirma como sendo de Alpha Centauri e que, sendo responsáveis pelas abduções, podem até certo ponto ser hostis – são na verdade de Zeta Reticuli, os Ebes são, na verdade, de Alpha Centauri (que é um binário próximo) e que os dois devem ter sido deliberadamente confundidos pelos círculos de inteligência do governo dos EUA nesse informe para fazer os Grays parecerem inofensivos e amigáveis”.

As cartas ummitas também trazem informações inconsistentes quanto à identificação da estrela IUMMA com a estrela Wolf 424, que seria um sistema binário, mas as cartas não mencionam nenhuma companheira para a estrela IUMMA. A polêmica sobre a identificação do sol ummita revelaria também um desconhecimento de astronomia que descreditará a origem extraterrestre do contato. Ora, os ummitas deixam claro que muitos desses erros, além de serem devidos à enorme diferença mental que nos separa, foram voluntariamente introduzidos nas cartas, como uma estratégia para impedir a má utilização dos conhecimentos científicos e tecnológicos transmitidos.

Nenhum dos dois contatos de longa duração está disposto a dar seu endereço de maneira inequívoca. Por que seria? Prova de sabedoria, evitando que a rapidez do avanço tecnológico e científico humano, sua curiosidade e ganância não orientassem todo nosso esforço espacial para esses planetas? Por enquanto, vamos estudando.



Conceito artístico de planetas semelhantes à Terra

**AGROGLIFOS – O DESAFIO GEOMÉTRICO,
MÚSICA PARA NOSSOS OUVIDOS**

DOUGLAS ALBRECHT

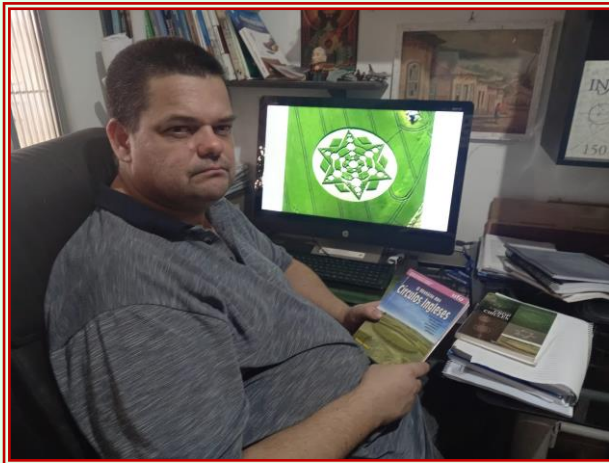
RESUMO

Intrigantes desenhos, com formas geométricas perfeitas e bastante complexas, aparecem repentinamente em plantações ao redor do mundo. Trata-se dos “agroglifos”, fenômeno que começou a ocorrer na Inglaterra há algumas décadas e que se espalhou por vários países, como o Brasil, despertando a atenção para a possibilidade de que, por trás dos desenhos, esteja alguma mensagem enviada por seres de outros planetas. No entanto, por mais que as pessoas tenham tentado decifrar os agroglifos, o significado deles ainda é desconhecido. Tudo o que se sabe é que o ser humano, ainda que faça uso de máquinas, não está em condições de reproduzir a complexidade dos fenômenos associados a esses desenhos. Existem fraudes, mas elas nunca conseguem efeitos espantosos como os campos magnéticos em níveis bastante elevados logo acima das figuras, característica comum aos agroglifos legítimos. Sinais de radiofrequência foram identificados recentemente em um agroglifo no Brasil, sugerindo que seja possível “ouvir” o desenho, desde que se disponha de um instrumento apropriado. Outro meio de se tentar decifrar os agroglifos é oferecido pelos teoremas de Gerald. S. Hawkins, pois, através do estudo das relações geométricas dos agroglifos, seria possível extrair proporções associadas à escala diatônica musical. É possível, afinal, que os seres de outros planetas tenham escolhido a música para se comunicar conosco.

PALAVRAS-CHAVE

Agroglifos. Círculos em plantações. Mensagens alienígenas.

Sinais de radiofrequência. Escala diatônica musical.



SOBRE O AUTOR

DOUGLAS ALBRECHT, paulista radicado no Paraná, é graduado em Agronomia pela UDESC (2002) e em Engenharia Civil pela UDC (2014), com especialização em Análise de Estruturas (2018). Morador da

cidade maravilhosa de Foz do Iguaçu, terra das cataratas, hoje se considera um legítimo pé vermelho.

Atuou por 17 anos no Paraguai como engenheiro agrônomo, atendendo a produtores de soja e milho, e hoje atua como engenheiro calculista e estruturalista, prestando serviços a diversas empresas do ramo da construção civil. Durante seus dois períodos acadêmicos, foi bolsista de iniciação científica CNPq, tendo como área de estudo gênese e fertilidade do solo.

Espírita há 10 anos, é colaborador voluntário no CEAE (Centro Espírita Aprendizizes do Evangelho) e também é membro voluntário no IPATI (Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental), capitaneado pela Dra. Sônia Rinaldi. Estuda e conhece as obras do Dr. Hernani Guimarães Andrade, eminente cientista espírita que, na década de 60, publicou obra ímpar (Teoria Corpuscular do Espírito), a qual jogou luz sobre os conhecimentos sobre o espírito, sua formação e influência na matéria.

Em 2016, participou e realizou trabalho de pesquisa no agrolífo de Prudentópolis, onde coletou amostras de folhas e solo, e empreendeu estudo que gerou informações até então inéditas sobre o fenômeno.

Contato: albrechtengenharia77@outlook.com

Um dos fenômenos mais intrigantes relacionados ao possível contato de alienígenas com a humanidade é o dos agroglifos, ou seja, os misteriosos desenhos geométricos que aparecem em plantações do mundo todo. Embora se trate de um fenômeno moderno, a sua origem parece muito mais antiga, a julgar por um panfleto publicado em 1678 na Inglaterra que fazia alusão a um misterioso “Demônio Ceifador”, além de um relato de um cientista em 1880 sobre formas inusitadas aparecidas em uma plantação no sul da Inglaterra (COSMELLI, 2012). Em nossos tempos, porém, o fenômeno começou a chamar a atenção da imprensa e da população em 1980, quando esses desenhos apareceram em uma fazenda em Wiltshire, também na Inglaterra (TICCHETTI, 2012).

Desde o início, o fenômeno impressionava pela simetria dos desenhos, embora, àquela altura, as figuras tendessem a ter uma estrutura basicamente circular, mais simples do que as verificadas atualmente. Essa simetria parecia sugerir algum significado, mas ninguém era capaz de dizer qual seria. Na verdade, os desenhos pareciam tão bem feitos que era difícil acreditar que mesmo as máquinas humanas fossem capazes de reproduzi-los. Foi natural, então, que surgisse a hipótese alienígena para explicar o fenômeno, sobretudo à medida que os casos se repetiam em vários outros lugares da região.

O número de casos de agroglifos aumentou consideravelmente na Inglaterra ao longo da década de 1980, mas também passaram a surgir as primeiras pessoas se identificando como autores dos desenhos e, inclusive, dizendo como seria possível fazê-los. Porém, mais tarde se descobriria que o próprio governo inglês havia usado essas pessoas para desacreditar o fenômeno.

Além do mais, mesmo que pudessem explicar casos isolados, as fraudes estavam longe de conseguir a perfeição dos agrolifos tidos como legítimos.

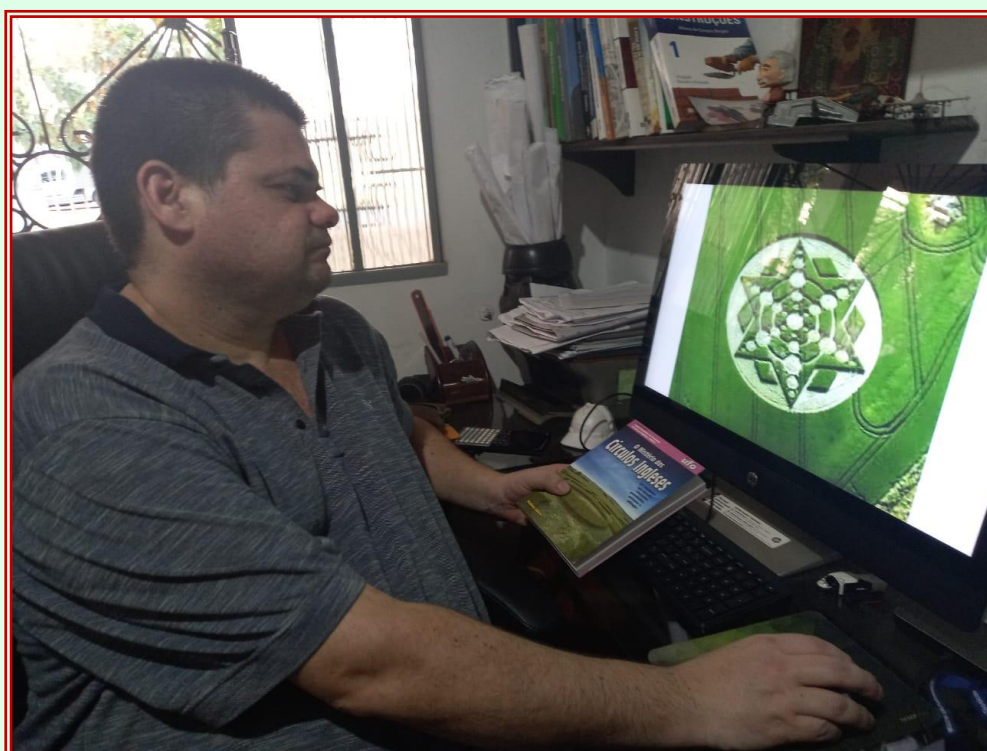
Entre as características que não conseguem ser imitadas está o fato de os caules das plantas serem dobrados sem se partirem e a ocorrência de campos magnéticos sobre as figuras em valor superior a 300% do normal, além dos níveis igualmente elevados de radioatividade (COSMELLI, 2012). Aos poucos, os pesquisadores começaram a notar certos padrões nesses desenhos. Era comum ocorrerem próximos a sítios arqueológicos e monumentos megalíticos. Muita gente buscou explicações naturais para o fenômeno, desde roedores até vórtices de plasma, mas nada disso explicou satisfatoriamente o fenômeno. As alterações físicas verificadas em plantas e solos permaneciam insolúveis. Ao mesmo tempo, havia relatos de luzes e sons misteriosos próximos às plantações.

Desde os primeiros agrolifos na Inglaterra, o fenômeno passou a ser registrado em pelo menos 40 países (FOSTER, 2016). Em 2012, o número de ocorrências dessa natureza já estava em 12 mil no mundo todo (TICCHETI, 2012). O filme “Sinais”, de 2002, apesar de ter desagradado os ufólogos, contribuiu para disseminar o tema dos agrolifos pelo mundo, o que, por outro lado, teve como consequência o aumento de casos de fraudes (FOSTER, 2016). Contudo, o fenômeno genuíno ainda permanece sem explicação.

No Brasil, o primeiro registro do fenômeno é de 2008, quando marcas muito similares aos círculos da Inglaterra, com padrões perfeitos, foram encontradas em plantações de trigo e triticale em Ipuacu, no oeste de Santa Catarina.

O agricultor que primeiro identificou os agrolifos chamou a atenção para o fato de que não havia qualquer pegada ou marca de pneu por perto, questionando-se como alguém chegaria ao meio da plantação sem ter amassado nenhum pé de trigo. A população da região ficou assustada.

Pesquisadores, ufólogos, agrônomos, engenheiros, jornalistas, professores, além dos próprios agricultores, investigaram o fenômeno e não encontraram indícios de ação humana ou mesmo de fenômenos meteorológicos ou atmosféricos. O surgimento desses desenhos se repetiria na cidade em anos seguintes, sempre entre outubro e novembro, e posteriormente o fenômeno se expandiu para Prudentópolis, no Paraná, onde aconteceu pela primeira vez em 2015, igualmente intrigando e maravilhando a todos, novamente não se encontrando qualquer explicação natural possível (EQUIPE UFO, 2016).



Engenheiro Douglas Albrecht, em seu ambiente de trabalho e pesquisa dos Agrolifos.

Embora conte com a descrença dos céticos, ninguém tem sido capaz de reproduzir os agroglifos de forma idêntica, inclusive provocando os mesmos efeitos magnéticos que são identificados próximos aos desenhos. A Revista UFO chegou a oferecer R\$ 20 mil para quem reproduzisse um agroglifo nessas condições (EQUIPE UFO, 2013), mas nem assim houve quem conseguisse o feito. A explicação alienígena tem se fortalecido.

MENSAGENS ALIENÍGENAS

Segundo Wallacy Albino (2002), autor e especialista nos estudos dos agroglifos, trata-se de um fenômeno que ninguém explica. Para ele, “trata-se de mensagens alienígenas, transcritas de maneira assustadoramente bela”. Disso realmente não discordamos, uma vez que estivemos in loco e pudemos comprovar o quão fascinante é o fenômeno e quantas perguntas surgem enquanto estamos ali, extasiados pelo fato ocorrido.

Mesmo diante de tão espetacular fenômeno, tendo passado o entusiasmo, surgem as perguntas necessárias para a tentativa da explicação, ou seja, por que e como o fenômeno tomou forma. Muito além da beleza, o fenômeno se expressa em figuras geométricas que, à simples vista, são harmônicas e perfeitas, mas seria possível identificar essa perfeição?

Segundo Bernard Baudouin (2008), há uma geometria invisível associada à geometria visível nas figuras. A princípio, o autor diz que nada na formação e na associação desses círculos, retângulos, triângulos e outras formas geométricas conhecidas da nossa civilização está ali ao acaso ou distribuído ao azar. A conjunção de retas, semicírculos, baricentros e raios é realizada com o objetivo de indicar algo.

Por isso, a primeira conclusão que temos é a de que essas figuras são mensagens, mas como decifrá-las?

Juntamente comigo, outras pessoas, de forma independente, estudaram o fenômeno ocorrido na cidade de Prudentópolis, em setembro de 2016. Um deles foi Alcides Cores, especialista em telecomunicações. Alcides mediu e registrou sinais de radiofrequência dentro e fora da figura e conseguiu descobrir algo, no mínimo, intrigante. Ele descobriu haver uma flutuação de intensidade de ondas eletromagnéticas acima do centro da figura, algo pouco usual. Partindo dessa premissa, seria possível, quem sabe, ouvir o agrolifo, desde que dispuséssemos de um analisador de frequências. Contudo, esse fenômeno não durou muito, pois, quando Alcides retornou, 30 dias após o aparecimento, esse frenesi eletromagnético já não dava mais o ar de sua graça.

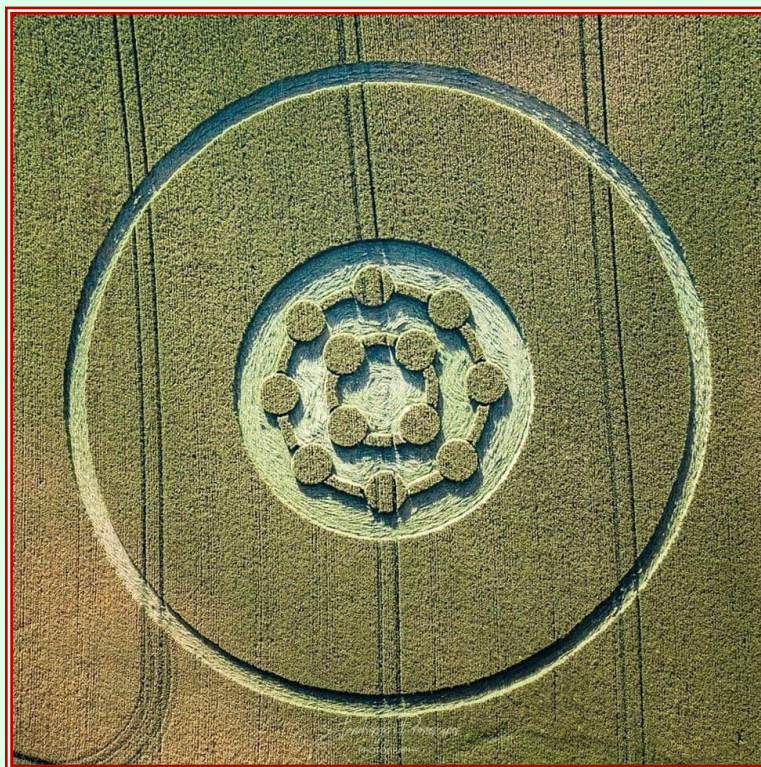
ESCALAS MUSICAIS

Juntamente com a busca por ouvir os agrolifos, no campo da geometria, os teoremas de Hawkins trazem uma possível possibilidade de estudo da complexidade geométrica na construção dos círculos. Gerald S. Hawkins foi decano do Departamento de Matemática da Universidade de Boston e pesquisador titular do Observatório de Harvard.

Em 1992, ele anunciou um conjunto de 5 teoremas que tinham por finalidade descobrir as relações geométricas contidas nos círculos das plantações. O mais importante disso tudo é que, a partir desses teoremas, é possível extrair proporções que podem ser associadas à escala diatônica musical. Mais uma vez, o agrolifo tem som.

Segundo Hawkins, se a relação das áreas entre dois círculos concêntricos for $16/3$, tal proporção se relaciona à nota Fá (estendido).

A análise das figuras que, ultimamente, vêm aparecendo, principalmente na Europa, pode e deve ser provada e estudada sob essa ótica, isto é, geométrica-matemática e musical. É, sem dúvida, possível que as mensagens buscadas por décadas de gerações de pesquisadores possam residir nessa simples análise. Eu, particularmente, estou trabalhando no desenvolvimento e no estudo dos teoremas de Hawkins, aplicando-os às figuras e extraíndo combinações pouco prováveis de serem produzidas, por azar ou simples acaso, por fraudadores inexperientes e brincalhões. Nos próximos artigos, trarei aos leitores parte dessas análises. Afinal de contas, escolher a música como língua possível da comunicação não é nada absurdo para qualquer civilização espalhada pelo cosmos, esteja essa civilização em qualquer grau de evolução.



Agrolifo em Wiltshire, Reino Unido, 10 de julho 2020.

Crop Circle Conector

Quantas notas musicais podemos ouvir dessa formação?

REFERÊNCIAS

ALBINO, Wallacy. **O mistério dos círculos ingleses**. Campo Grande: CBPDV, 2002.

BAUDUOIN, Bernard. *El misterio de los Crop Circles: Hipótesis, Secretos Militares y Enigmas*. Barcelona: De Vecchi, 2008.

COSMELLI, Paulo Jorge. A simbologia dos agrolifos e suas características mais insólitas. **Revista UFO**, São Paulo, 01 mar. 2012. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/a-simbologia-dos-agrolifos-e-suas-caracteristicas-mais-insolitas.html>>. Acesso em: 08 out. 2020.

EQUIPE UFO. Fenômeno dos agrolifos se intensifica no Brasil. **Revista UFO**, São Paulo, 04 nov. 2015. Disponível em: <<https://ufo.com.br/noticias/fenomeno-dos-agrolifos-se-intensifica-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2020.

EQUIPE UFO. Revista UFO oferece R\$ 20 mil a quem reproduzir os agrolifos de Santa Catarina. **Revista UFO**, São Paulo, 11 nov. 2013. Disponível em: <<https://ufo.com.br/noticias/revista-ufo-oferece-r-20-mil-a-quem-reproduzir-os-agrolifos-de-santa-catarina>>. Acesso em: 08 out. 2020.

FOSTER, Paul. Discos voadores sobre os agrolifos: A conexão. **Revista UFO**, São Paulo, 01 abr. 2016. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/discos-voadores-vistos-sobre-os-agrolifos-a-conexao.html>>. Acesso em: 08 out. 2020.

TICCHETTI, Thiago Luiz. Agrolifos, que fenômeno absurdo é esse?. **Revista UFO**, São Paulo, 01 nov. 2012. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/agrolifos-que-fenomeno-absurdo-e-este.html>>. Acesso em: 08 out. 2020.



Milk Hill, Wiltshire, 2001.

The Guardian

EXOPSICOLOGIA E EXOCIÊNCIAS

MONICA SILVIA BORINE

RESUMO

A temática alienígena encontra um espaço cada vez maior no noticiário, resultado de um interesse também crescente por parte da população, somado ao fato de que governos de diferentes países têm reconhecido a emergência da questão dos OVNI's. As pessoas, em consequência, estão querendo saber mais a respeito dos fenômenos ufológicos. Isso também se verifica entre intelectuais e acadêmicos, os quais, cada um em sua respectiva área, têm se debruçado sobre os impactos que a interação com seres de outros planetas acarretará no curso da humanidade. Os estudos desses pesquisadores começaram a se organizar na forma de Exociências, nas quais ciências já existentes na Terra são aplicadas em um contexto de interação alienígena. Entre elas, está a Exopsicologia, com a proposta de se atentar para o impacto psicológico de eventos como a síndrome da abdução alienígena, pois se verifica que pessoas que alegam ter tido tais experiências sofrem com traumas emocionais e *stress*. A abordagem para esses casos já não pode ser mais a das doenças, pois já se sabe que não costuma haver diferença significativa na mente de quem alega ter sido abduzido por seres de outros planetas. É preciso pensar em uma mudança de perspectiva, sendo certo que o fenômeno deve ser estudado em profundidade pela Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE

Exociências. Exopsicologia. Psicologia. Abdução alienígena.



SOBRE A AUTORA

MONICA SILVIA BORINE, PhD, é paulista, graduada em Pedagogia em 1982 e Psicologia Clínica em 1989 pela UMESP, Mestrado em Psicologia da Saúde em Neuropsicologia da Consciência, Emoção e Cognição pela UMESP/USP, Doutorado em Psicologia da

Saúde em Avaliação Psicológica na Saúde Mental pela USF-SP, Pós-doutoranda em Psicologia nos EUA. Realizou Pós-graduações em: Psicologia da Consciência, Psicologia Transpessoal e *Core Energetics* pelo *Core Energetics Institute of New York*. Orgonomista, *trainner* em Análise Bioenergética. Hipnóloga clínica desde 1985, pelo Centro Oswaldo Cruz de Medicina USP/SP. Yogaterapia e Psicologia Tibetana com formação em Rishikesh, Índia. Budismo *Mahayana* nas modalidades de Meditação Zen (*zazen*) e *Vajrayana, Tantrayana* (1997). Tem as especializações na Educação em Direção Escolar; Supervisão de Ensino; Orientação Educacional, e na Psicologia em Psicologia Clínica, Psicologia Organizacional e Psicologia Escolar. No campo profissional, é psicoterapeuta clínica e diretora dos Institutos: INIC – Instituto Integral da Consciência, ICEB – Instituto Core Energetics do Brasil e Instituto de Exopsicologia em Atibaia, SP. É professora de pós-graduação, consultora na área de Psicologia e Educação. É Fundadora da Exopsicologia.

Contatos: Site: www.monicaborine.com.br

E-mail: orionis10@bol.com.br Fone e Whatsapp: (11) 94157-3065

Todos os anos somos informados por meio da mídia ou da Ufologia sobre a incidência de fatos relacionados aos objetos voadores não identificados (OVNIs). Relatos de pessoas que vivenciaram experiências anômalas com OVNIs e com as denominadas “abduções alienígenas” no Brasil e no mundo continuam acontecendo. A Ufologia surge com o avistamento do comandante K. Arnold e a suposta queda de um OVNI no Novo México, nos EUA, em 1947, quando esses objetos foram batizados pelo jornal *Y East Oregonian* de “discos voadores”. Ela vem, por meio das suas comunidades, investigando por conta própria o fenômeno e, simultaneamente, fazendo pressão nos governos para a abertura dos seus arquivos sigilosos referentes ao tema. Muitos países já aderiram a essa demanda e abriram seus arquivos, como Inglaterra, Peru, Rússia, Brasil, entre outros. A incidência do fenômeno dos OVNIs e os relatos de pessoas sobre “alienígenas”, mediante depoimentos de autoridades governamentais, militares, e civis, através dos tempos, exigiu espaços específicos para estudá-los e para desvelá-los de maneira científica, já que governos não se pronunciam a respeito. Neste ano, recebemos a notícia, pela mídia de que o governo norte-americano, por meio do presidente Donald Trump, criou a “Força Espacial”, em 24 de janeiro de 2020, destinada ao patrulhamento do espaço, assim como demais atribuições, e que o Pentágono admitiu, em abril de 2020, a existência de OVNIs após a captura em radar de alguns deles pela marinha norte-americana. Uma grande pressão foi feita por uma comunidade liderada pelo vocalista Tom DeLonge e Luis Elizondo nestes últimos anos, sendo que esta última notícia vem nos mostrar o avanço no tema dos OVNIs, levantando alertas, apesar de em nenhum momento haver menção de que os OVNIs sejam naves tripuladas por alienígenas inteligentes. Segundo informações de autoridades como P. Hellier, ex-ministro da defesa do Canadá por mais de 20 anos, esses objetos ou naves já estão sendo investigados pelos militares norte-americanos, inclusive com contato com raças alienígenas.

O Japão já emitiu alerta dizendo que, se os EUA estão preocupados com o fenômeno, eles também estão e querem acompanhar o que está acontecendo.

Essas duas notícias aconteceram simultaneamente à pandemia, que vem disseminando no mundo o COVID-19, chamado popularmente de coronavírus, sendo que são informações importantíssimas. Diante dessas notícias sobre OVNI's e alienígenas, o que temos de evidências sobre o passado da civilização humana? O que podemos especular? Segundo o escritor Erick von Däniken (1968), existem muitas evidências arqueológicas sobre a visitação de seres alienígenas no passado da humanidade, as quais constam em seu livro “Eram os deuses astronautas?”.

Quando o livro foi publicado, causou um grande furor e continua em evidência até os dias de hoje. Sua teoria, baseada na arqueologia, diz que a interação entre alienígenas e humanos vem ocorrendo há milhares de anos no planeta Terra, interferindo na nossa cultura, religião, ciências, arte e

tecnologias. Hoje em dia, com os avanços tecnológicos, o que dizer das especulações sobre antigas civilizações avançadas no planeta Terra, em Marte e na Lua, apontadas por alguns investigadores ufológicos?



Nebulosa de Caranguejo

Serão delírios de mentes afoitas por explicações a qualquer custo ou indícios concretos que necessitam de investigação mais profunda, indícios que poderão levar ao desacobramento de informações sobre OVNI's e a existência de civilizações alienígenas no passado da civilização humana e também em nosso presente? Dentro desse cenário em desenvolvimento, e com a crescente demanda para abertura das informações para a sociedade, novas ciências estão emergindo, as chamadas Exociências, cuja definição, a priori, é “o estudo científico do fenômeno alienígena/extraterrestre como um todo”.

Elas surgiram a partir de intelectuais e cientistas de diversas áreas do conhecimento, preocupados com o fenômeno da existência de vida inteligente além da vida humana conhecida no planeta Terra, possibilitando perspectivas de pesquisas científicas nas áreas das ciências exatas, sociais, humanas e biológicas.

O termo grego “Exo” significa movimento para fora ou de fora e “ciência”, no sentido amplo e diversificado, refere-se a qualquer conhecimento ou prática sistemáticos e, em sentido estrito, refere-se ao sistema de adquirir conhecimento através do método científico, bem como a um corpo organizado de conhecimento conseguido mediante pesquisas. Portanto, podemos entender as Exociências como:

1. Ciências que, além de estudar os fenômenos anômalos de maneira específica e multidisciplinar, focam no fenômeno da vida inteligente alienígena, extraterrestre, extradimensional, extratemporal, na cultura, sociedade, tecnologias e ciências;

2. Aquelas que possibilitam a importação de conhecimento sistematizado de ciências externas ao planeta Terra, em interação com tecnologias terrestres;

3. Aquelas que surgem dentro de um novo paradigma frente à possibilidade de contato com civilizações alienígenas/extraterrestres e, conseqüentemente, abrindo espaço para novos ramos das ciências existentes, como:

3.1. A EXOPOLÍTICA (SALLA, 2004), preocupada com questões políticas, ações governamentais frente ao nosso contato com civilizações alienígenas, diplomacia e protocolos de contato;

3.2. A EXOBIOLOGIA, preocupada com a biologia alienígena, desde criaturas microscópicas até as inteligentes;

3.3. A EXOCONSCIÊNCIA, que não é uma ciência especificamente, mas que se preocupa com a relação da interação alienígena e consciência cósmica (HARDCASTLE, 2010);

3.4. A EXOPSICOLOGIA, preocupada com os OVNI's e a síndrome das abduções alienígenas e sua interação com a mente e comportamento humano (BORINE, 2014);

3.5. O EXODIREITO (TASCA, 2016), preocupado com as questões da jurisprudência para abarcar a interação da raça humana e civilizações alienígenas;

3.6 A EXOSOCIOLOGIA (SCHETSCHÉ & ANTON, 2019) estuda além do ponto de vista da sociedade terrestre, ela se estende para além da humanidade e segundo uma escala universal.

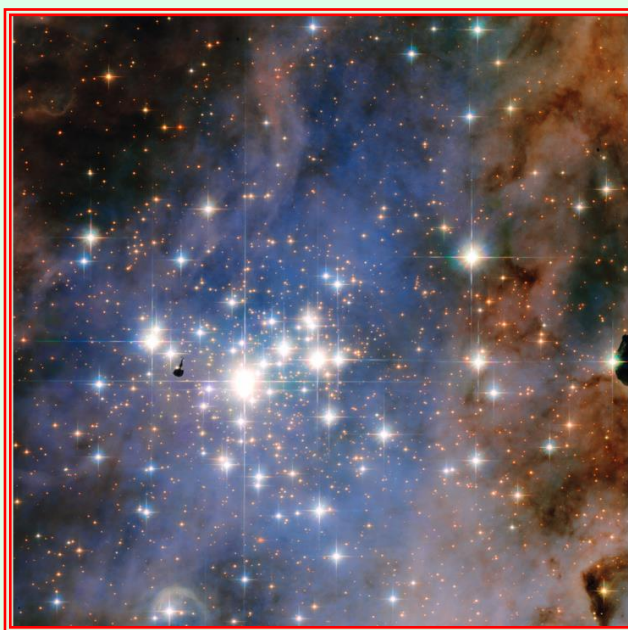
4. Aquelas relacionadas à pesquisa e ao desenvolvimento de diferentes conceitos e tecnologias científicas da nossa humanidade e aos possíveis conceitos e tecnologias importadas de civilizações alienígenas.

Enquanto as evidências sugerem, e é provável que os governos estejam encobrindo de fato, as pesquisas e informações sobre o tema OVNI e abduções alienígenas continuam chegando e fazendo com que cada vez mais intelectuais, dentro e fora das academias, preocupados com a verdade dos fatos e com as possíveis consequências desse advento para a humanidade, comecem a se preparar em estudá-los de maneira efetiva e científica dentro das EXOCIÊNCIAS. Existem investigações sobre o tema OVNI no campo da Ufologia, mas há uma escassez nas demais áreas do conhecimento. É importante conhecer que ela teve sua origem num movimento social iniciado na década de 50, a partir da suposta queda de um OVNI em Roswell, Novo México, nos EUA, movimento este que passou a reivindicar o desacobertamento dos governos e a abertura dos arquivos para a comunidade mundial.

A autora deste artigo considera que sem a Ufologia a população não teria facilidade de acesso ao tema e uma maior consciência sobre eles durante todos estes anos. Considero que ela trouxe um conjunto de informações e de hipóteses sobre os chamados UFOs/OVNIs. Nas últimas décadas, muitos ufólogos autônomos começaram a investigar o fenômeno por conta própria, havendo, portanto, a disseminação de muita especulação, por isso é muito importante a população identificar a diferença entre o que é informação, especulação e conhecimento. Nós não podemos exigir nada comprobatório da Ufologia, mesmo porque ela não tem a obrigação de produzir ciência, ela pode especular, hipotetizar, colher evidências plausíveis para que os cientistas de diversas áreas do conhecimento estudem os fenômenos, colaborando, portanto, com a ciência. O estudo de conclusão da tese de doutorado em Antropologia de Almeida (2015) investigou a Ufologia e grupos e ufólogos por mais de cinco anos e trouxe o seguinte na sua conclusão da pesquisa: “(...) A Ufologia busca parte do intangível, da dificuldade de ancorar o fenômeno na Terra, isso parte da invisibilidade dos OVNI, da dificuldade em identificá-los...”.

A partir da impossibilidade de ver OVNI e aliens e das citações constantes de “segredo”, há uma incerta antropologia do extraordinário, ficando no âmbito da crença (ALMEIDA, 2015). Nós não podemos ter a expectativa ou exigir que a Ufologia traga provas científicas concretas e, sim que ela continue fazendo o seu papel de movimento social que pressiona os governos, que realize suas investigações de campo, que investigue os relatos sobre o fenômeno, trazendo assim novos casos, indícios, evidências e experiências pessoais das suas práticas chamadas “vigílias”. Na Revista Super Interessante de outubro de 2016, no artigo “Ufologia é Ciência?”, narra-se: “Boa parte dos estudos sobre OVNI carece de rigor científico ou está impregnada de forte misticismo”;

“A culpa é também dos cientistas, que evitam pisar nesse campo minado para não colocar em risco sua reputação”. Ainda cita a revista: “A maioria dos acadêmicos considera a Ufologia um trabalho destituído do rigor científico e para piorar, dezenas de charlatões tomaram conta das pesquisas ufológicas com a intenção de explorar a boa-fé das pessoas”. Cabe uma crítica aos cientistas, porque é sabido o quanto eles fazem “vista grossa” sobre o tema OVNI e abduções. Na última década alguns estão se despertando para o tema. Para piorar, é importante dizer aqui que alguns ufólogos, além de explorar a Ufologia, estão explorando a fé das pessoas, pedindo doações financeiras para a abertura de Igrejas Ufológicas, fazendo assim, do ponto de vista do que ela foi um dia, um desserviço para a Ufologia.



Trumpler 14

HUBBLESITE

Enfatizar o lugar da Ufologia no âmbito do religioso, da seita, diminui o caráter investigativo e o maior agravante é que ufólogos estão pedindo doações para construção de igrejas ufológicas com o slogan: “A caridade faz parte da nossa cultura e as doações serão destinadas para a criação e construção das igrejas ufológicas”.

Esse descontrole desastroso pode colaborar para que o tema dos fenômenos dos OVNI's e abduções alienígenas caia no descrédito total para os intelectuais. Assuntos tão importantes como os OVNI's e abduções correm o risco de diminuir a sua importância, de diminuir o seu brilho e o interesse dos cientistas. O que é do âmbito da religião é dela, onde a fé e a crença predominam não impera a razão, por conta do dogmatismo, enquanto no âmbito da ciência há uma razão consciente e sistemática que foge do âmbito religioso. É importante salientar que, referente a pesquisas científicas, há raros estudos no Brasil sobre tema, apenas alguns poucos desbravadores, em algumas áreas do conhecimento, mas na área da Psicologia, a qual considero emergencial, são escassos.

Devido a isso e às experiências clínicas de mais de trinta anos de investigação e pesquisas no assunto, fundei a EXOPSICOLOGIA, apresentando duas pesquisas no V Congresso Latino-americano de Psicologia, com o aval do Conselho Federal de Psicologia (CFP), em abril de 2014, na Guatemala, e a publicação do livro “Exopsicologia: Síndrome da abdução alienígena”, apresentando simultaneamente dois estudos no 19º Congresso Brasileiro de Psicologia e na 3ª Convenção Latino-americana de Psicoterapias Corporais, em junho de 2014, em Curitiba-PR. O termo “Exopsicologia” surgiu a partir da “Astropsicologia”, um ramo da Astrobiologia que tinha como objetivo especificar aspectos psicológicos nos estudos de campo de militares, mas foi o americano Timothy Leary (1977), na década de 1970, que cunhou o termo Exopsicologia com a publicação de um livro com o título de “*Exo-Psychology*”.

Posteriormente, Leary se arrependeu de utilizar esse termo e reeditou o livro em 1989 com o título de “*Info-Psychology*”, quando descartou completamente os aspectos alienígenas e/ou extraterrestres do conteúdo do livro original, enfatizando somente os aspectos cibernéticos. Em 1979, Robert J. Freitas Jr. cunhou o termo *Xenopsychology*, que significava o estudo da Psicologia extraterrestre, mas foi Michael A. Gintowt (2008), um psicólogo norte-americano, que escreveu um ensaio sobre o que seria a Exopsicologia, aludindo à necessidade de uma Psicologia específica para os estudos da interação alienígena. Para o psicólogo Richard Haines, “nós não estamos lidando com projeções mentais ou alucinações por parte da testemunha, mas com um fenômeno físico real” (HAINES, 1980). O psicólogo americano e professor da Universidade de Wyoming, Leo Sprinkle, escreveu um artigo intitulado “*Psychotherapeutic Services for Persons Who Claim UFO Experiences*” (1988), no qual narra:

“As práticas psicoterapêuticas específicas desenvolvidas para ajudar pessoas com experiências com OVNI e/ou abduções alienígenas podem ser úteis considerando que essas pessoas enfrentam transtornos de stress pós-traumático... Se as pessoas afetadas recebem assistência competente e compassiva, então muitas vezes elas podem aprender a lidar com os seus sentimentos de raiva, ansiedade, dúvida, tristeza, culpa, dor, vergonha, etc... No entanto, em nossa sociedade contemporânea, as pessoas que descrevem crises psíquicas sejam espirituais, paranormais, ou trauma emocional de memórias com óvnis ou entidades alienígenas são confrontados com escárnio ou ceticismo, reações não só de seus amigos e parentes, mas às vezes de psicoterapeutas”. Para o Dr. Sprinkle, com base nos processos de psicoterapia, o que sabemos sobre as experiências de OVNI? Para ele, a principal hipótese é que a atividade OVNI seja um programa educacional: um condicionamento gradual, mas persistente, da consciência humana para uma nova era da ciência e da espiritualidade (SPRINKLE, 1988).

Davis, Donderi e Hopkins, em 2013, estudando a relação do fenômeno OVNI com seres humanos no trabalho intitulado “*The Ufo Abduction Syndrome*”, aplicaram 608 perguntas a 52 pessoas que se diziam abduzidas e suas respostas foram comparadas às de um grupo de controle que simulava as respostas ao questionário como se tivesse sido sequestrado. Isso ajudou a definir um estado de espírito chamado de abdução alienígena. Nos estudos realizados pelo psiquiatra Dr. John Mack, um dos pioneiros a estudar o fenômeno da abdução alienígena na Universidade de Harvard e que publicou o livro “*Abduction*”, as experiências descritas por essas pessoas que se dizem contatadas ou abduzidas são simplesmente de difícil compreensão, de acordo com a visão da nossa ciência tradicional.

Para o Dr. Mack, o fenômeno é um apelo sensível para uma mudança nessa perspectiva, cogitando uma expansão de nossas ações de realidade, ao invés do “entupimento” de “dados nas categorias existentes” (MACK, 1994). Dr. Mack não considerava essas pessoas doentes, mas apenas seres humanos traumatizados por suas experiências anômalas, as quais fogem da “suposta normalidade” das pessoas comuns. Para ele, a síndrome da abdução alienígena é um fenômeno que penetra agressivamente, seja ele da realidade consensual ou não, e o seu poder, portanto, para atingir e alterar a consciência é potencialmente imenso. Mack afirmou: “O fenômeno da abdução alienígena é uma potencial fonte rica de informação de nós mesmos, do Universo que nos cerca e do qual participamos” (MACK, 1994). Acerca da relação do fenômeno e a Psicologia, McLeod *et al.* (1996) sugerem benefícios à Psicologia no estudo dos OVNI e das abduções alienígenas, referentes à intersubjetividade, mente, memória, emoções e estados alterados da consciência na construção de realidades complexas.

Segundo McLeod, muitas pessoas seriam beneficiadas e não receberiam diagnóstico e tratamento equivocados de profissionais da saúde se a Psicologia se apropriasse do estudo desses fenômenos. É importante considerar que, até décadas atrás, pessoas que avistavam OVNI's eram consideradas pelos profissionais da saúde como portadoras de alguma perturbação mental, paranoicas, psicóticas, delirantes, porque os OVNI's não faziam parte da realidade consensual, isto é, não faziam parte do repertório psicológico das pessoas. Atualmente, a situação é diferente, devido às diversas evidências, tais como testemunhos, fotos, objetos e filmagens do contexto do fenômeno, de modo que não se pode mais dizer que simplesmente se trata de um delírio.



NGC 2174

Independentemente de ser uma síndrome desconhecida da mente ou uma experiência da realidade ordinária como a entendemos, o fenômeno deve ser estudado com todo o rigor científico e metodológico que a Psicologia tem disponível e, portanto, a Exopsicologia é um campo da Psicologia específico, comprometido com a relação dos OVNIIs e a síndrome da abdução alienígena, relacionado com a mente e o comportamento humano. Uma ciência em construção multidisciplinar e multidimensional.

A síndrome da abdução alienígena (SAA) pode ser definida por uma pessoa que se diz retirada do seu local de origem, com ou sem o seu consentimento, por objetos voadores não identificados (OVNIIs) ou objetos submersos não identificados (OSNIIs), ou mesmo por entidades alienígenas sem suas supostas naves.

Diversos investigadores alegam que essas pessoas são interrogadas e/ou pesquisadas por seres inteligentes diferentes dos humanos, com ou sem o seu consentimento consciente, e na maioria das vezes com consequências de *stress* pós traumático. O termo “síndrome” se refere a um conjunto de sintomas, sejam físicos ou mentais, e “alienígena” significa estrangeiro, alguém que vem de fora, sendo “abdução alienígena” empregado na literatura para definir uma pessoa que se diz levada a outro local por meio de um contato com um OVNI/OSNI, mesmo sem o seu consentimento, por criaturas não humanas. Poderíamos, então, levantar a hipótese de que se trata de um sequestro ou uma espécie de memória de um sequestro, originária de uma experiência hipotética narrada pelo abduzido ou será que simplesmente de vivências traumáticas reais? Essas pessoas que alegam raptos alienígenas são denominadas de “abduzidas” ou “experimentadoras” e, geralmente, seus relatos se baseiam em elas estarem sendo submetidas a exames clínicos, médicos ou psicológicos por entidades não humanas, muitas vezes com ênfase na questão reprodutiva.

Muitos dos abduzidos alegam que receberam advertências referentes ao nosso arsenal bélico, sobre diversas formas de abuso pela humanidade do meio ambiente e exploração inadequada dos recursos terrestres e espaciais, além de diversos alertas sobre os perigos das nossas armas nucleares, biológicas e tecnológicas. Por conta da escassez de pesquisas científicas e pela dificuldade que é o estudo deste fenômeno anômalo, seja sobre os OVNIIs ou sobre as abduções, a tendência de uma parcela da população e de cientistas é de desqualificar o fenômeno.

Alguns profissionais da Psicologia, no exterior, além de raros pesquisadores, estão se arriscando a estudar o fenômeno nas suas áreas de domínio específico como a da memória e cognição, não porque seu foco de estudo esteja exatamente no contato ou abdução alienígena, mas porque, estudando outros fenômenos, como o sono, sonho, memórias, abusos sexuais, acabaram esbarrando nas memórias de sequestros alienígenas e se deparando com pessoas que se diziam abduzidas, sendo as suas memórias traumáticas extraídas por profissionais nem sempre qualificados. Por enquanto, para ciência, não existe a evidência da existência de alienígenas inteligentes e tampouco ela é admitida por governos. Não foi comprovada a interação de seres não humanos alienígenas com seres humanos ou animais.

Apesar da aceitação da existência dos OVNIIs pelos governos, ainda não se sabe e nem foi divulgado oficialmente para o público em geral o que são eles e qual a sua procedência. Quanto às abduções alienígenas, alguns estudos sobre o tema no exterior insistem em sugerir que se trata de fantasias, síndrome de falsas memórias, erro de indução de ufólogos e terapeutas na aplicação da técnica da hipnose, sugestibilidade, paralisia do sono, entre outras hipóteses.

Independentemente de se questionar se essas pesquisas são suficientes para determinar a natureza do fenômeno anômalo e se a amostra escolhida pelos pesquisadores internacionais para esses estudos foi adequada, fidedigna ou não, o fato é que as pessoas que alegam abduções por alienígenas nem sempre estão num estado de sono ou sonho, como descrito em alguns estudos internacionais realizados (Loftus, 1996, MacNally, 1996). Nem sempre as pessoas estão dormindo em suas camas e quartos à noite, mas muitas estão em seus veículos em movimento, dirigindo caminhões e automóveis, estão durante ao dia acompanhados de familiares, então como explicar que houve uma paralisia do sono?

Outras pessoas relatam que estavam acompanhadas de testemunhas no momento da abdução e como atribuir então a todas essas pessoas falsas memórias? E os veículos e demais objetos que são abduzidos com a pessoa e nos quais, ao retornarem com a vítima, quando analisados por equipamentos de medição, são detectadas grandes cargas de radiação? Muitas pessoas sofrem de “*missing time*” isto é, de tempo pedido, percebendo somente após um tempo ou mesmo anos o fato ocorrido, dando-se conta de que um tempo passou e que elas não se recordam do que aconteceu no período. É desconcertante o fenômeno e parece que extrapola as conclusões destes pesquisadores, portanto, fazendo com que não se tenha certeza de nada ainda. O fato é que o fenômeno é “*sui generis*”, não se equiparando a nenhum outro no mundo. Seja a síndrome da abdução alienígena uma patologia ou uma síndrome desconhecida da mente, ou decorrente de sintomas resultantes de trauma de acontecimentos reais, ela necessita ser estudada e pesquisada com o mesmo rigor científico oferecido a tantos outros fenômenos estudados pelas ciências nas diversas áreas do conhecimento.

Alguns estudos refutando a abdução alienígena, referentes a falsas memórias, foram realizados no exterior (Calegari, 2005; McNally, 1996; Clancy, 2005), levantando polêmica em relação a memórias dos abduzidos e a coleta de informações através da hipnose, mas esses estudos foram reavaliados por uma pesquisa realizada por French *et al.* (2008) intitulada “*Psychological aspects of the alien contact experience*”, na qual os autores replicaram um estudo sobre memória utilizando o mesmo rigor e metodologia científica de estudos publicados anteriormente. Os autores, na conclusão do estudo, não encontraram diferenças significativas entre os grupos de pessoas comuns e o grupo das pessoas com a síndrome da abdução alienígena no que se refere a suscetibilidades a falsas memórias.

É importante ressaltar que pesquisas demonstraram, tanto no exterior quanto as pesquisas que realizei no Brasil com grupos de abduzidos, que essas pessoas que se dizem “contatadas” por OVNI e/ou abduzidas por alienígenas não se diferenciam em relação à saúde psicológica ou mental das pessoas comuns que não passaram por experiências similares, como demonstram as considerações finais do artigo de Borine (2015) e também de Martins (2015). Esse é um dado muito importante que começa a descartar de imediato a patologia destas vítimas, salvo aquelas pessoas que estão na distorção, delírio ou que querem chamar a atenção, as quais, na minha experiência em tratá-los, são uma porcentagem mínima.



M104. Sombrero

Se essas pessoas não possuem transtorno mental, então, seja lá o que for que está acontecendo, sai do âmbito da doença e passa para outros âmbitos, necessitando identificação. O fato é que o tema vem chamando a atenção e algumas raras pesquisas estão sendo realizadas para a compreensão do assunto, devido à pressão popular, porque as pessoas querem explicações e os governos não estão colaborando o suficiente para satisfazer os anseios da população frente ao fenômeno.

Devido à escassez de informações dos governos, em 2019 ocorreu um fenômeno muito intrigante. Por conta de um anúncio postado em rede social, milhares de pessoas se mobilizaram para invadir a “Área 51”, situada no deserto de Nevada, nos EUA. Os invasores alegavam que havia OVNI e alienígenas na base militar situada naquela área.

Os militares americanos fizeram ameaças contra essa invasão e só assim conseguiram afastar as milhares de pessoas que estavam dispostas a invadir a Área 51, situação que poderia acabar em tragédia (Revista VEJA, 2019). As Exociências poderão ajudar a população como um todo a obter respostas, além de fornecer projetos para ações políticas e educacionais, oferecer informações precisas e possibilitar maior segurança quanto ao assunto. A Exopsicologia pode ajudar os profissionais da área da saúde a obter conhecimentos específicos e subsídios para tratamentos mais pertinentes e adequados para essas pessoas que passam por tais experiências específicas e que sofrem com seus traumas e *stress* no corpo, na mente e muitas vezes socialmente. É importante mencionar que muitas dessas vítimas não sofrem somente por conta de um único episódio de abdução, pois, segundo suas narrativas, muitas delas continuaram por muitos anos sendo abduzidas, continuando o seu sofrimento e *stress* pela reincidência do fenômeno.

É importante ressaltar que, nos meus estudos e pesquisas, não faço a divisão da classificação, como comumente é feita na Ufologia, entre contatados e abduzidos. A minha experiência clínica me mostra que, dentro da hipótese da abdução, as chances de todos serem abduzidos são grandes e, portanto, é necessário questionar se os contatados ou “experenciadores” foram e são também abduzidos. Dentro da lógica hipotética, eles podem estar sendo sequestrados e não vir a saber ou somente suas mentes podem estar sendo sequestradas.

Sabe-se por investigadores como Jacobs, Mack e Rangel que, se existirem alienígenas, devido à sua alta tecnologia e conhecimentos psicológicos, eles poderiam realizar hipnoses em seres humanos e inserir dispositivos para que seus abduzidos não se lembrem das abduções.

O que a autora deste artigo vem percebendo sobre o fenômeno dos OVNI's e abduções alienígenas: “A pesquisa referente à experiência com supostas vítimas de contatados e abduzidos por OVNI's e abduções alienígenas após décadas de estudos me leva à hipótese de que o fenômeno está ocorrendo ora separado, ora simultaneamente em diversos níveis da consciência e existência humana: realidade física, realidade biológica, realidade psicológica e realidade espiritual. Os métodos científicos tradicionais não estão favorecendo o seu estudo na sua plenitude, necessitando de novas metodologias para a compreensão do fenômeno como um todo. É imperioso desvelar o fenômeno para compreensão do que está ocorrendo com os seres humanos nas suas mentes e comportamento humano” (Borine, 2020).

Estamos numa era de mudanças gerais, na qual a raça humana está lidando com grandes desafios em diversas áreas da vida, como os desmatamentos no Brasil e no mundo, o aquecimento global, as crises na economia mundial, a fome, a pandemia do COVID-19, a disseminação de fenômenos da *internet*, como as redes sociais, que estão afetando a saúde física e mental das pessoas, a violência, as crises políticas e sociais.

Dentro desta adversidade, nós, seres humanos, necessitamos abrir nossas mentes e nosso coração, porque o momento é de reflexão e pacificação. Precisamos de políticas de Paz, uma educação para a Paz, precisamos chegar a um denominador comum, amadurecer e evoluir emocional e espiritualmente como espécie e raça humana, lembrando que, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 1996 o ser humano é considerado bio, psico, social e espiritual. Seja lembrado ainda que estamos quase povoando o planeta Marte, mas, no quesito autoconhecimento, o ser humano ainda está deveras distante. Quem sabe com esse desenvolvimento estejamos mais preparados para uma interação cósmica com outros seres evoluídos, tanto tecnológica quanto espiritualmente, com raças pacifistas, civilizações do espaço cósmico que já dominam a si mesmos e seus sistemas galácticos a nível de conhecimento, exploração energética e espiritualidade, possibilitando, assim, que nos tornemos juntamente com eles cidadãos cósmicos.



Eta Carinae

HUBBLESITE

REFERÊNCIAS

ALMEIDA (2015). **Objetos intangíveis**: Ufologia, ciência e segredo. Tese de doutorado em Antropologia da UNB, Brasília.

BORINE, M. S. (2014). **Uma nova ciência para o fenômeno da vida alienígena/extraterrestre**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/242243601/EXOCIENCIA-Monica-S-BorinePh-D-docx>>.

_____. (2014). **Exopsicologia**: A síndrome da abdução alienígena. São Paulo: Ed. Spiral.

_____. (2014). **Exopsicologia**: *Stress* pós-traumático nos casos da síndrome da abdução alienígena. Anais do V Congresso Latino-Americano de Psicologia ULAPSI, Antigua Guatemala, Guatemala.

_____. (2014). **Exopsicologia**: A síndrome anômala da abdução, tratada com psicoterapia energética corporal *Core Energetics*. Anais do Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil Lationoamérica de Psicoterapias Corporais XIX, XI, III, 2014, Revista Psicologia Corporal online.

_____. (2014). **Da descoberta da Energia Orgone ao Livro "Contato Com o Espaço"**: Uma Análise Criteriosa da percepção de Wilhelm Reich sobre os Objetos Voadores Não Identificados. Anais do Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil Lationoamérica de Psicoterapias Corporais XIX, XI, III, 2014, Revista Psicologia Corporal online.

_____. (2020). **Exociências e Exopsicologia e os possíveis cenários do contato oficial com alienígenas**. II Cosmovni – Encontro de Cosmologia e Ufologia do Patovni, Pato Branco PR.

CLANCY. S. A., MACNALLY R. J. (2005). *Sleep Paralysis, Sexual Abuse, and Space Alien Abduction*. Pubmed.

CRICK, F. (1995). *Hypothesis of wonder: Is there a soul in the DNA*. New York: Touchstone.

_____. (2004). *Of Molecules and Men*. Great Minds Series. New York: Paperbake.

DÄNIKEN, Erich von. (1968). *Eram os deuses astronautas?*. São Paulo: Círculo do Livro.

DAVIS, T.; DONDERI, D.; HOPKINS, B. (2013). *The UFO Abduction Syndrome*. Journal of Scientific Exploration, v. 27 -1, p. 25-42. 18p.

FRENCH, C. C. ET AL. (2008). *Psychological aspects of the alien contact experience*. Elsevier, v. 44, (10), p. 1287-1395.

HARDCASTLE, R. (2010). *Exoconsciousness: Your 21st Century Mind*.

HAINES F. R. (1980). *Observing UFOS: An Investigative Handbook*. Rowman & Littlefield Publishers.

JACOBS D. M. (1992). *Secret Life: Firsthand, Documented Accounts of Ufo Abductions*. EbooKindle.

LEARY, T. (1977). *Exo-Psychology: A Manual on the Use of the Nervous System According to the Instructions of the Manufacturers*. Los Angeles. Starseed, Peace Press.

_____. (1989). *Info-Psychology: Q Manual on the Use of the Human Nervous System According to the Instructions of the Manufacturers*. Las Vegas: Falcon Press.

LOFTUS E. (1996). *Memory Distortion and False Memory Creation*. Cogprint Cognitive Science.

MACK, J. E. (1994). *Abduction: Human encounters with aliens*. London: Wheeler Pub.

MARTINS L. (2015). **Na trilha dos alienígenas**: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais. Tese de Psicologia da USP, SP.

MCLEOD, C. *et al.* (1996). *A more parsimonious explanation for UFO abduction*. Psychological Inquiry, vol. 7(2), p. 156-67.

NOVELLI V. (2019). **Área 51**: fanáticos por ETs se reúnem para ‘invasão’ da base nos EUA. Revista Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/area-51-fanaticos-por-ets-preparaminvasao-da-base-secreta-dos-eua/>>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS, 1996). CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças.

PORTAL UOL. 2020. **O que o ex-vocalista do Blink-182 tem a ver com OVNI**s divulgados pelos EUA?. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/28/o-que-ex-vocalista-do-blink-182-tem-a-ver-com-ovnis-divulgados-pelos-eua.htm>>.

RANGEL M. (2001). **Sequestros alienígenas com ou sem hipnose**. Cpbdv Ed.

REVISTA ÉPOCA. (2013). “**Extraterrestres trabalham em parceria com o governo dos EUA**”, diz ex-ministro do Canadá. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/05/extraterrrestres-trabalham-em-parceria-com-o-governo-dos-eua-diz-ex-ministro-do-canada.html>>.

REVISTA SUPER INTERESSANTE. (2016). **Ufologia é ciência?**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/ufologia-e-ciencia/>>.

REVISTA VEJA. (2019). **Trump quer criar nova tropa militar nos EUA: A 'Força Espacial'**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/eua-vaocriar-nova-forca-militar-espacial>>.

RODRIGUES, D. R. S. (2013). **O fim da Ufologia com o nascimento das Exociências Sociais**. Disponível em: [https://pt.scribd.com/doc/142809940/O-Fim-da-Ufologia-com-oNascimento-das-Exociencias Sociais](https://pt.scribd.com/doc/142809940/O-Fim-da-Ufologia-com-oNascimento-das-Exociencias-Sociais)>

SPRINKLE, L. (1998). *Psychotherapeutic services for persons who claim UFO experiences*. Psychotherapy in Private Practice. Taylor & Francis, v. 6-3.

SPRINKLE L. (1988). *As UFO Buff, As Abductee...* Winter: vol. 12, n. 2.

SALLA, M. (2004). *Exopolitics: Political Implications of Extraterrestrial Presence*. Arizona: Dandelion Books.

TASCA, F. A. (2016). **Da Exopolítica ao Exodireito**. Revista ExoCiência, Instituto Mukharajj, INIC, Rio de Janeiro, Ano 2, Vol. 2.

THE INTERCEPT. (2019). *The media loves this UFO expert who says he worked for an obscure Pentagon program: Did he?*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/01/ufo-unidentified-history-channel-luis-elizondo-pentagon/>>.